

BLUMENAU

em Cadernos



TOMO V — Novembro e Dezembro de 1962 — N.º 11/12

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.

BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE
CÓRES FIRMES E
ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÔRTO ALEGRE E BLUMENAU
REPRESENTANTES EM
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR
BELO HORIZONTE — FORTALEZA
MACEIÓ

BLUMENAU **em CADERNOS**

TOMO V | Novembro / Dezembro | N.º 11 / 12

HANS STADEN E ULRICH SCHMIDEL

CARLOS DA COSTA PEREIRA

A notícia dos descobrimentos feitos pelos portugueses e pelos espanhóis chegou a exercer no espírito de aventureiros de quase toda a Europa tão irresistível fascinação, que muitos abandonaram a sua pátria para se dirigirem aos portos da Península, de onde largavam as expedições com destino às novas terras.

Assim é que nas caravelas de Martim Afonso de Sousa se encontravam franceses, italianos e alemães, e, antes, nas de Fernão de Magalhães, o lombardo Pigafetta, que depois escreveu a história dessa viagem, e italianos de outras regiões, franceses e flamengos, “e até um inglês natural de Bristol”.

Não lhes satisfazendo a ambição participarem dessas viagens como simples marinheiros, promoviam também expedições à sua custa, a exemplo do que anteriormente fizera o normando Paulmier de Gonneville, que, destinando-se às Índias, se viu forçado a arribar a um porto do sul do Brasil, na terra habitada pelos carijós.

Os franceses fizeram várias tentativas para estabelecer-se nos domínios de Portugal, aquém Atlântico, e os holandeses, por sua vez, não fossem a intrepidez e a persistência dos pernambucanos que levaram de vencida a teimosia batava, certo ficariam senhores do norte do Brasil.

Lendo-se a história dos descobrimentos, ressalta desde logo a circunstância de que não houve terras tão disputadas como as do Brasil, nos primeiros anos da colonização, nem houve outra gente que tão bem soubesse defender as suas conquistas como a portuguesa.

E para que o território que hoje constitui o nosso País se tornasse alvo da cobiça de outros povos, certo teriam influído as coisas maravilhosas que exageradamente contavam de sua natureza esplendorosa, sem falarmos nos tesouros que diziam ocultos em seu solo ou rolavam pelos seus rios rumorejantes...

Conquanto menos intensamente, os domínios espanhóis, ao sul e a oeste do Brasil, também atraíam a atenção dos homens de outras nacionalidades, e foi iludido pelas coisas surpreendentes que em Sevilha narravam acêrca do Paraguai, que o arcabuzeiro Hans Staden, alemão natural de Hesse, tomou parte na expedição de Senabria, tendo um dos navios naufragado próximo à ilha de Santa Catarina.

Os expedicionários, depois de terem estado no pôrto de Jurumirim, onde encontraram Jean Hernandez de Bilbao — “o primeiro colono de Santa Catarina”, segundo a opinião de Southey — seguiram para o sul, permanecendo algum tempo em Viaçá, possivelmente a Laguna. Dali, sob a chefia de Hernando de Trejo, parte da expedição saiu para o norte, indo estabelecer-se em São Francisco, enquanto, pouco depois, os que ficaram em Viaçá, seguiram para São Vicente, inclusive Hans Staden, que ali foi encontrar, como feitor de engenho de açúcar, um patricio, Heliodoro Eoban, filho do poeta alemão Hélio Eoban.

Staden foi nomeado artilheiro da fortaleza da ilha de Bertioga, sendo um dia, inesperadamente, aprisionado pelos tupinambás que pretenderam matá-lo, supondo-o português. Usando de mil artifícios, e após oito meses de sofrimentos, pôde êle, finalmente, escapar-se da gente de Cunhambebe e regressar à sua terra, publicando em Marburgo a narrativa do que lhe ocorrera entre os ameríndios de São Vicente.

Roberto Southey, que disse acertadamente se acharem nesse livro “as primeiras e melhores notícias sôbre os selvagens indígenas”, fez do mesmo um resumo na sua *História do Brasil*, existindo ainda dessas aventuras uma versão de Alencar Araripe, publicada, em 1892, na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*; outra de Alberto Löfgren, com a reprodução das estampas que ilustram o original marburguês, e anotações de Teodoro Sampaio, editada em São Paulo, em 1900, e reeditada pela Academia Brasileira de Letras, em 1930; ainda duas edições da Companhia Editôra Nacional; e mais recentemente a da Sociedade Hans Staden, S. Paulo, 1942, sob o título *Dois viagens ao Brasil*, tradução de Guiomar de Carvalho Franco da transcrição para o alemão moderno feita por Carlos Fouquet, e introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco.

Outro alemão que também andou à procura de riquezas e só encontrou duras privações em terras da América, foi Ulrich Schmidel. Tendo passado dezoito anos no Paraguai, ao fim dêsse tempo, a instâncias de um seu irmão, obteve licença para regressar à pátria, atravessou o Brasil e chegou a São Vicente, após seis meses de viagem.

Descendo o Paraguai cêrca de cinqüenta léguas, em companhia de vinte carijós, e subindo o Paraná cem léguas, começou daí em diante a caminhar a pé, reunindo-se ao grupo dois portugueses e quatro espanhóis desertores. Dois dêsses homens foram mortos e postos a defumar pelos índios de um aldeamento em que ambos tentaram entrar sem necessidade e a despeito da advertência que lhes fizera a primeira tribo encontrada em caminho. Os demais, em virtude dessa ocorrência, viram-se forçados a lutar com os temíveis selvícolas, podendo Schmidel, no fim de quatro dias, astuciosamente livrar-se, e à sua gente, de cair nas mãos dos antropófagos.

Depois de longa e penosíssima caminhada, cheia de perigos e alimentando-se unicamente de mel, chegaram êles a uma aldeia de cristãos, chefiada por um João Reinvielle, que não era outro senão João Ramalho, fundador de Santo André da Borda do Campo, vila que o Governador Geral Mem de Sá, em 1560, de visita a São Vicente, mandou extinguir, a pedido do P. Manoel da Nóbrega, em benefício da aldeia de São Paulo, então elevada à categoria de vila sob a denominação de São Paulo de Piratininga, segundo nos conta Frei Gaspar da Madre de Deus em suas *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*.

Diz Schmidel que João Ramalho estava ausente, e apesar de terem sido bem recebidos pelo filho, deram graças quando se acharam fora da vila, sãos e salvos, pois “viam nestes cristãos uma espécie de bandoleiros”...

Em São Vicente, Schmidel embarcou para a Espanha, onde se apresentou ao Rei, pondo-o a par dos negócios do Paraguai. — Seguindo para a Alemanha, publicou ali as suas aventuras que vêm resumidas em Southey, existindo também uma tradução em espanhol, editada em Buenos Aires, pelo ano de 1903, sob o título — *Viaje al Rio de la Plata*.

Staden e Schmidel foram os precursores, embora modestos, de tantos alemães ilustres que, como o Príncipe de Neuwied, Eschwege, J. B. Spix, C. von Martius, von den Steinen, Clauss, P. Ehrenreich e outros, depois perlustraram vasta extensão do nosso território, deixando de suas viagens obras sôbre a nossa geologia, os nossos índios, a nossa flora e a nossa fauna.

★

Blumenau de outrora



Vista do pôrto de Blumenau, nos começos dêste século. Atracado o vapor “Blumenau” com as suas lanchas de transporte de carga para Itajaí.

O MUNICÍPIO DE DONA EMA

J. FERREIRA DA SILVA

Nem sempre se tem acertado na denominação de novas localidades ou circunscrições administrativas. Vêzes há que se lhes dão nomes extravagantes, fruto de simples imaginação; noutras influem interesses políticos, ou preferências religiosas. Em poucas, são levadas em conta a tradição, as circunstâncias, a natureza, as peculiaridades do agrupamento a ser batizado, ou rebatizado.

Nesse particular, têm-se visto verdadeiras e desmarcadas tolices, absurdos e injustiças sem conta.

Quantas vêzes, elementos que, pouco ou mesmo nada, entendem do assunto, abusando, apenas, das prerrogativas de encargos que a tanto lhes dão atribuições, sem qualquer consulta ao bom senso, às características ou ao passado da região, põem nomes, que são verdadeiros disparates, a povoações e municípios!

Viu-se isso quando se verificaram reformas na toponímia nacional, anos atrás, para obviar aos inconvenientes de localidades diferentes com o mesmo nome. Algumas das novas designações foram tão absurdas e incoerentes que, pouco tempo após o batismo, tiveram que voltar ao nome antigo, com um pequeno aditivo referente à sua situação geográfica, ao norte ou ao sul.

E, ainda assim, aconteceram absurdidades como a que deu o nome de Tijucas do Sul ao município paranaense que fica muito ao norte da nossa Tijucas catarinense.

De outro lado, felizmente, tem havido muito acêrto e coerência, como aconteceu com a denominação do recentemente inaugurado município de Dona Ema.

Foi, realmente, feliz a idéia vitoriosa de homenagear-se a memória de uma blumenauense, por muitos títulos ilustre, com o dar-lhe o nome benquisto e sempre lembrado, a uma das regiões mais férteis e promissoras de Santa Catarina.

Feliz e, não é demais repetir, acertada e justa.

Realmente, Dona Ema merece que se lhe perpetue, por essa forma, a lembrança de sua passagem por esta vida, do seu interesse e do seu entranhado amor à comuna, que se emancipa, para constituir-se em futura parcela administrativa do Estado.

Ema Maria, como fôra batizada, nasceu a 7 de julho de 1885 em Blumenau. Era filha de Carlos Rischbieter (natural de Bienenbütel, Alemanha, onde viera ao mundo em 1849 e que, em dezembro de 1861 imigrara em Blumenau, juntamente com seus pais, sete irmãs e um irmão, os quais todos aqui permaneceram, trabalhando no engrandecimento econômico e cultural do Vale do Itajaí, cujo solo lhes guarda, com carinho, os despojos mortais) e de Hedwiges Clasen (nascida em Itajaí, em 1862, filha de Henrique Clasen, imigrado em 1856 e de Augusta Mathes que aqui chegara em 1857, em companhia de sua mãe, Charlotte Henriette Wilhelmine Mathes, nascida do casal Mundheim,

em 1798 e que faleceu em Blumenau em 1872, certamente uma das criaturas, aqui sepultadas, em mais avançada idade).

Educada nos austeros princípios da moral cristã, que seus pais haviam herdado dos seus maiores, Ema cresceu rica de prendas domésticas, aperfeiçoando, sempre mais, na leitura das obras que lhe chegavam às mãos, através das deficiências da época, o que aprendera na escola primária.

Tornou-se moça de rara beleza, robusta e saudável, com magnífica cabeleira negra que, em tranças, lhe descia até aos joelhos.



Dona Ema Deeke, em companhia de seu espôso, José Deeke, escritor, historiador e um blumenauense com grande soma de serviços prestados ao seu município ao qual dedicou uma existência inteira de trabalho e de iniciativas úteis. Dona Ema foi, igualmente, uma intelectual de grandes méritos. Pelas suas virtudes e pelo seu trabalho em pról da colonização da Bacia do Rio Hercílio, bem merece a homenagem que lhe foi prestada dando-se-lhe o nome a uma das mais futuras parcelas administrativas catarinenses.

Quando, a 29 de agosto de 1904, (tinha então 19 anos) seus pais festejaram as bodas de prata, Ema uniu, pelo casamento, o seu ao destino de José Deeke. Êste era funcionário da "Sociedade Colonizadora Hanseática", com sede na povoação de Hammônia, onde o jovem casal estabeleceu residência.

Junto ao espôso e aos cinco filhos com que o céu abençoou sua feliz união, dona Ema exerceu verdadeiro apostolado, orientando o lar com bondade e acêrto, esmerando-se em transmitir aos seus as virtudes, os predicados e aptidões que trouxera da casa paterna.

Com a continuação de um trabalho persistente, heróico mesmo, José Deeke foi nomeado, em 1909, diretor das Colônias Hanseáticas que compreendiam as de Hammônia, na bacia do Rio Itajaí do Norte, ou Rio Hercílio, como posteriormente foi chamado e dos núcleos coloniais no então município de Joinville: Hansa Humboldt (atual Corupá), Itapocú, e outro no município de São Bento do Sul.

Teve, assim, de redobrar de atividades, de esforços, sujeitando-se a renúncias e sacrifícios enormes para dar cabal desempenho ao sério encargo que assumira, incompreendido, muitas vêzes, por aqueles mesmos colonos a que êle procurava assistir com o seu amparo e a sua proteção, no propósito de dotá-los de condições de vida razoavelmente folgadas, num tempo e num espaço erichados de transtornos, de dificuldades e de privações de tôda sorte.

E, justamente, nesses períodos de agruras, de amargores sem conta, é que dona Ema mais se sentia prêsã à existência do espôso. Auxiliava-o nos trabalhos da direção, no escritório da Sociedade Colonizadora, na

administração da sede colonial, que aos poucos se ia transformando em vila e cidade; percorria, com êle, o interior na fiscalização de medições e demarcações de terras, abertura de picadas e de caminhos, orientando, com o seu bom senso e experiência, os imigrantes na seleção dos lotes e nos trabalhos de sua instalação e adaptação às terras escolhidas, onde iriam recomeçar vida dura e amarga, até que os frutos de trabalho diuturno e penoso lhes viessem proporcionar anos seguidos de feliz abastança, quando não de riqueza despreocupada.

Tornou-se, pode-se dizer com muita propriedade, a alma da colônia. Estimada, querida e respeitada por todos.

Foi por volta de 1919 que uma turma de medição de terras alcançou a região do Alto Rio Krauel (nome dado ao Rio dos Índios, em 1897, em homenagem ao então embaixador alemão no Brasil), afluente do Rio Hercílio.

Deparou-se-lhe, ali, uma natureza deslumbrante, majestosa, de terrenos fertilíssimos, cobertos da vegetação própria do altiplano catarinense, de soberbas araucárias, imbuías e outros gigantes da floresta, a cuja sombra a erva mate medrava com admirável fartura. Por ali corria um dos afluentes da margem direita do rio Krauel, ainda sem nome. Foi a oportunidade, há muito suspirada pelos componentes da turma demarcadora, de prestar uma justa homenagem à espôsa do diretor, como êste, dedicada de corpo e alma, ao progresso, ao engrandecimento da região.

Daí em diante, o ribeirão passou a chamar-se “Dona Ema”, designação que se estendeu a tôda a linha colonial, à sua sede e até mesmo às áreas circunjacentes, sob os aplausos, não só dos agrimensores e turmeiros, como dos novos colonos que os acompanhavam, felizes por encontrarem terras fertilíssimas, ubertosas, em que se pudessem estabelecer sem preocupações pelo futuro.

Como demonstração material do batismo, o nome de “Dona Ema” foi gravado em troncos de altaneiros, enormes pinheiros, cuja impressionante majestade encarnava bem a riqueza magnífica daquele solo e daquelas matas que a civilização, em breve, transformaria em fontes de prosperidade para o Estado e para o Brasil.

E, agora, perpetuado na designação do novo município, os seus habitantes podem ufanar-se de sua patrona. Ela, certamente, mereceu a justiça que lhe foi feita e os moradores da zona do Alto Rio Krauel, compreendida nos limites da nova circunscrição administrativa, pelo seu trabalho, pelo seu amor à ordem e obediência às leis, pelo seu apêgo às tradições, pela sua atividade, bem merecem tê-la por inspiradora, para todo o sempre, dos seus propósitos de engrandecimento do município, criado e inaugurado em boa hora.

Dona Ema Deeke não foi, apenas, a espôsa dedicada, a mãe amorosa e boa, a conselheira e protetora dos imigrantes que procurassem o estabelecimento colonial administrado pelo marido. Ela encontrava, ainda, nas suas horas de lazer, oportunidade para entregar-se aos entretenimentos do espírito, à leitura e às composições literárias. Como o espôso, que foi historiador (deixou, entre outros trabalhos, uma história de Blumenau, em 3 volumes, editada por Rotermud & Cia. de São Leopoldo, e um Relato Histórico da Colônia Hammonia, editado em 1922),

Dona Ema também deixou contos e poesias de sua autoria, esparsos por calendários e jornais da época, além de uma novela, "Amor e dever", (Liebe und Pflicht), situando-se, assim, entre os mais destacados intelectuais do Vale do Itajaí.

Dona Ema faleceu em Blumenau, já viúva, a 10 de abril de 1950, cercada de estima, da veneração e do respeito de quantos tiveram a ventura de conhecê-la.

Não poderia por tudo isso, ser mais justa a homenagem que lhe foi prestada.



ESTANTE DOS "CADERNOS"

TEMAS CATARINENSES — Henrique da Silva Fontes. Edição do autor. Florianópolis, 1962. 32 páginas. Formato 16x23

— Com honrosa dedicatória do seu autor, o erudito filólogo, historiador e abalizado educador, desembargador Henrique Fontes recebemos o trabalho que publicou sob o título "Temas Catarinenses".

Como as demais obras com que o ilustre escritor vem, de quando em quando, enriquecendo as letras nacionais, o que temos presente é um verdadeiro mimo de estilo, de ensinamentos, de pureza de linguagem.

Henrique Fontes é, sem favor, um dos intelectuais brasileiros que melhor conhece os segredos do idioma nacional e timbra em usá-lo com a correção e a elegância dos mais destacados mestres da língua.

Consciente das responsabilidades que lhe impõe o justo renome conquistado, dispensa o máximo cuidado no revestir as suas produções literárias de boa vernaculidade, reafirmando sempre mais a sua incontestável autoridade no assunto.

O trabalho que temos presente enfeixa três assuntos: 1) "Os primeiros versos de Cruz e Souza e os versos de circunstância"; 2.º) O Almirante Henrique Boiteux no seu centenário natalício; e 3.º) "Porque e para que a Cidade Universitária de Santa Catarina".

O primeiro desses temas estuda a personalidade e o estro do vate negro nas suas primeiras manifestações poéticas e o faz com abundância de pormenores, com a segurança de quem é, realmente, versado no assunto. A biografia do Almirante Henrique Boiteux, resumida no segundo tema, é igualmente notável e destaca o lado humano do grande marinheiro e historiador conterrâneo que nos legou uma bagagem literária das mais ricas e volumosas.

Agradecendo ao mestre Henrique Fontes o magnífico presente com que nos distinguiu, fazemos votos para que Deus o conserve por muitos anos com saúde e disposição para que possa, ainda, dar novas e valiosas contribuições da sua inteligência e da sua erudição ao progresso cultural da nossa terra.

GARRINCHAS DE 50 ANOS ATRÁS

Do nosso prezado e culto colaborador, sr. Sebastião Cruz, recebemos a seguinte carta que, com muito prazer, nos apressamos em publicar.

Sôbre o assunto nela versado, traremos, num dos nossos próximos números, maiores esclarecimentos aos nossos leitores com algumas fotografias da visita da oficialidade e marujos do cruzador "Von der Tann" da marinha alemã, com a qual se relaciona o jôgo a que o sr. Sebastião Cruz se refere em sua carta:

"Com intenção de colaborar é que venho, com a presente, pôr um reparo numa notícia divulgada pelo seu e também nosso "Blumenau em Cadernos", n.º 5, Tomo V — Maio de 1962, fls. 85, sob o título "Garrinchas de 50 anos atrás", referindo-se "ao primeiro time de futebol de Blumenau".

Pode parecer a quem menos atento — de minha parte sei que assim não é — que "Blumenau em Cadernos" quiz desmentir o que a respeito informou a Publicação Oficial da Comissão Central Organizadora (CCO) dos III Jogos Abertos de Santa Catarina, em Blumenau — fls. 55 —. O fato é que ninguém deixará de dar crédito a uma publicação especializada, de alto gabarito histórico, como ocorre com "Blumenau em Cadernos" que justo se faz reconhecer. A mim me diz respeito o assunto, em particular, uma vez que esteve ao meu encargo a matéria contida na referida publicação da CCO.

Dita Publicação da CCO informou: — "O primeiro quadro de futebol organizado em Blumenau, ocorreu em 1903, com a criação de um Departamento da Sociedade Ginástica de Blumenau e o primeiro jogo realizou-se em 1905 — noite-se, em caráter internacional — quando a secção de futebol da Sociedade Ginástica enfrentou os componentes de um quadro de marinheiros de um navio de guerra alemão, em visita a Blumenau. Tudo indica que foi este o primeiro jogo realizado no Estado de Santa Catarina de vez que, em Florianópolis, Capital do Estado, o primeiro jogo ali realizado só ocorreu em 14 de Agosto de 1910, no campo do Manejo, entre o quadro do Ginásio Catarinense e o de rapazes de São Paulo e Rio que ali se encontravam prestando concurso de primeira instância (edição especial sôbre o Externato F.C. de 1925 — fls. 16)" A notícia do primeiro jogo em Blumenau, foi colhida no livro "Centenário de Blumenau", Edição da Comissão de Festejos — fls. 343 — em "Sociedades e Associações em Blumenau", por Frederico Kilian.

A notícia de "Blumenau em Cadernos" referida, diz que o citado jôgo, ou melhor, "o primeiro time de futebol de Blumenau, constituiu-se por volta de 1920". Estampa uma foto do time com 9 jogadores e diz textualmente que "era, como então se exigia, composto de 9 jogadores". Tanto a data — 1920 — como o número de jogadores, evidentemente, devem ter resultado de um lapso tipográfico. A data, como vimos acima, deve ser 1903 (a formação do time) e 1905 (o primeiro jôgo). A foto com 9 jogadores sômente, não quer dizer que o time tinha essa formação e sim 11 jogadores como mandava a regra — dois deles deviam estar distribuindo autógrafos à alguma "fräulein".

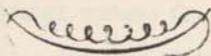
... Observe caro Ferreira, que Blumenau estava nas primeiras águas que impulsionaram o "esporte rei" no Brasil, introduzido entre nós por Charles Miller, em 1894, no "São Paulo Athletic Club", em 1896, no "Mackenzie College", em 1897, no "Clube Internacional" e no "Esporte Clube Germânia", hoje "Clube Pinheiros". Só em 1900 é que surgiu o famoso "Clube Atlético Paulistano". Todos esses clubes situados em São Paulo. E o primeiro campeonato nacional, realizou-se em São Paulo, em 1902. Um ano após, Blumenau já tinha também o seu time de futebol. E quem sabe se não foi, no Brasil, o primeiro jôgo internacional, aquêle realizado em Blumenau? Até 1904 não havia certame internacional de futebol (a FIFA — Federação Internacional de Futebol Association, foi fundada em 1905). Só em 1908, Olimpíadas de Londres, é que o futebol foi incorporado, para disputa, entre os esportes coletivos.

Não é só o reparo que venho fazer. Peço mais. "Blumenau em Caderno" dentro da sua especialidade e com o cuidado e o brilhantismo com que vem regis-

trando os fatos históricos de nossa terra, não deixará, por certo, escapar a oportunidade de oferecer mais luzes, com elementos que já deve ter em seus arquivos e pesquisas que serão feitas nos jornais da época, sobre o "primeiro time de futebol de Blumenau e o jôgo com os marinheiros alemães". Assunto de palpitante interesse histórico, mórmente por colocar Blumenau em destaque nesse setor esportivo da terra dos bicampeões mundiais. Todos nós estamos interessados em saber a respeito: a que veio e qual o navio de guerra alemão, cujo time jogou em Blumenau; em que dia realizou-se o jôgo, seu resultado, quem participou no time de Blumenau, quem serviu de árbitro, como transcorreu o jôgo, local (foi mesmo no pasto do Holecz?), horário, se houve acidentes, se teve muita assistência e outros detalhes de igual interesse.

Muito grato pelas atenções que dispensar a esta, com as melhores e cordiais saudações".

SEBASTIÃO CRUZ



Um notável colonizador

Em junho de 1961, faleceu em sua residência na praia de Camboriú, um homem simples e digno que prestou relevantes serviços ao Estado de Santa Catarina, ao Vale do Itajaí de um modo particular. Trata-se de Luiz Bertoli, que nasceu em Timbó, em 1878. Era filho de um ferreiro. Ficou órfão de pai e mãe em tenra idade. Já rapaz, aprendeu o ofício de ferreiro com João Longo, em Encruzilhada, hoje Arroeira. Em 1899, casou-se com Margarida Lenzi, de cujo matrimônio vieram-lhe vários filhos, seis dos quais ainda vivem. Depois de casado, Luiz Bertoli estabeleceu-se em Rodeio, com oficina própria de ferreiro, mas, alguns anos depois, adoeceu. Foi para Lajes, em busca de clima mais propício à sua saúde, ficando sob os cuidados médicos do benemérito Dr. Sartori. Restabeleceu-se completamente, passando a trabalhar como tropeiro, durante dois anos. Deixando essa profissão, empregou-se como caixairo da Sociedade Cooperativa São José, em S. Virgílio, Rodeio, assumindo, depois, a gerência da organização. Estabeleceu-se, posteriormente, por conta própria em S. Antônio, no mesmo distrito. Durante êsse tempo, empolgado pelos idéias de colonização da vasta área devoluta de Rio do Oeste, explorou, com alguns colonos seus companheiros, aquelas terras, tendo se estabelecido na confluência do Rio das Pombas, onde fundou o povoado que deu origem à atual cidade e município de Rio do Oeste. Sua família veio ali fixar residência em 1917. Construiu várias estradas, colonizou diversas zonas, exerceu uma extraordinária atividade nesse ramo. Entre as estradas que construiu, pode-se citar a de Barra do Trombudo e Anta Gorda, Rio das Pombas, Toca Grande, Café, Fruteira, Mosquitinho, etc. Em 1952, envelhecido e cansado dos seus grandes esforços e sacrifícios, fixou residência na Praia de Camboriú, onde eram melhores as condições de clima para a sua saúde abalada. Ali veio a falecer.

Bertoli foi, incontestavelmente, um dos homens a quem mais deve o desenvolvimento e a civilização do território banhado pelo Rio do Oeste e seus numerosos tributários, uma zona rica que, hoje, concorre com apreciável soma de bens para a riqueza nacional. A sua memória merece as homenagens e o respeito dos catarinenses.

A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS

OTTO STANGE

(Tradução de Frederico Kiliann)

(Conclusão da página 18)

Então, senhor vizinho, em que pé está a "Harmonie", estão ensaiando e cantando muito? — Ah, sim, Sr. vizinho, temos aí uma linda peça teatral musicada e cantada. O Chico-Franz Lungershausen já nos pôs à disposição o salão e o palco da Sociedade de Atiradores. Um dos mais importantes papéis já reservei para o senhor, vizinho Krause. Não vá negar a sua colaboração e me deixar na mão. Pela nossa amizade, deve aceitar êste papel. Sòmente terei que modificar ainda algumas passagens do canto e desdobrar a partitura nas diferentes vozes. Bem hoje à noite realizaremos em minha casa o primeiro ensaio de leitura, o ensaio do canto será mais tarde. O senhor também virá, com certeza, não é? Pois então até logo mais, à noite.

Vindo da Freguezia vem alguém, que, como já está escurecendo, não reconhecemos de pronto, mas apoiando-se no guarda-chuva, como o velho Dessauer em sua bengala, na cabeça chapéu preto com larga aba, barba branca cobrindo grande parte do casacão preto, já sei quem é — o engenheiro e arquiteto Heinrich Krohberger, o construtor dos mais importantes e magestosos edificios da localidade, assim da Igreja Evangélica, da Igreja católica, do edificio da Câmara municipal, etc. . . Em frente à casa Ruediger, no outro lado da rua, entra por uma porteira, atravessa o pasto e se dirige à sua casa que fica perto da barranca do Ribeirão da Velha. Do lado esquerdo sai de sua casa o torneiro e fabricante de guarda-chuvas, sr. Max Cruz, vestindo paletó escuro e sua calça de linho branco do uniforme de ginástica. Fecha a porta e dirige-se ao centro da freguezia, certamente vai à séde da Sociedade de ginástica. Suas pernas um pouco curvadas para fóra, metidas na calça branca, ainda deslumbra por algum tempo através a escuridão da noite.

Na casa da viuva Hosang o lampeão a querozene espalha uma luz tranquila por sobre a mesa, na qual se acham sentadas a viuva Hosang e sua irmã solteira, ambas já em bem avançada idade, fazendo tricô; certamente estão tricotando um par de meias para seu filho e sobrinho Francisco Hosang, o proprietário de uma bem afreguesada cervejaria. Agora descemos a ladeira e chegamos à ponte sobre o Ribeirão da Velha. Na balaustrada da ponte de madeira, ficamos parado um pouco, pois notamos que qualquer bicho atravessava a estrada e correu barranco abaixo, agora outro; talvez uns lagartos que se dirigem ao ribeirão.

Na casa de Otto Dessmann, à esquerda, numa elevação do terreno, notamos luz. Certamente o Dessmann está escrevendo um artigo de fundo que vai publicar no jornal "Blumenauer Zeitung". Vis-à-vis, a Sr.^a Pauli — Mutter Pauli — sobe a escada de madeira que dá para sua casa, enquanto que sua filha Luise, erguendo um lampeão por cima de sua cabeça, ilumina os degraus de madeira, já um pouco gastos.

Aqui termina a Rua principal e começa a estrada colonial. Portanto, descalçamos os borzeguins, tiramos as meias, metendo tudo no alforge e arregaçamos as calças. A estrada poeirenta vislumbra-se ao longe, entre o matagal escuro que a margeia de ambos os lados.

Assim, mais a vontade, descalços, como costumamos andar em casa e na roça, prosseguimos nossa caminhada, estrada a fóra e noite a dentro, pois ainda temos duas horas de caminho, para chegarmos em casa, onde mamãe, certamente já está olhando, impacientemente, de vèz em quando para a porteira do pasto si ainda não estamos chegando. Foi um belo passeio, êste, pela rua principal de Blumenau, embora se tenha tornado agora um pouco cansativo e monótono, pois as casas já vão se escasseando. Vimos Blumenau novamente, falamos com "alemães novos", aos quais também desejamos uma caminhada desta que ora estou iniciando, calças arregadas, descalços, sapatos sòbre os hombros, mas não obstante alegre e contente como vou andando, em direção ao lar próprio. Bem, este ainda terão que erigir e isto com muito trabalho e suor; mas não há de ser nada, nossos pais e muitos de nós moços ainda tiveram que vencer provas mais duras e maiores dificuldades. Agora, pelo menos, já existe uma freguezia bem desenvolvida, onde é fácil colocar sua mercadoria, seus produtos, ou achar uma

ocupação em seu próprio ofício, mas no começo, as coisas eram bem diferentes. Quem é que ia comprar nossas batatas, quando as suas próprias esperavam por comprador ou estavam apodrecendo em virtude de falta de transporte? Foi pena não ter tido mais tempo hoje, pois senão teríamos ido até ao pé do morro da Garuva, no Canto dos Macacos (Affenwinkel) onde mora o velho Diettrich, a quem estamos devendo já há tempo uma visita. Também teríamos tomado um pouco de tempo do sr. Budag e cumprimentado a boa Senhora Lallemand. Na Garcia teríamos procurado o Sr. Siebert e na passagem à casa deste parado na vivenda do engenheiro Emilio Odebrecht e perguntado acerca dos terrenos na encosta da Serra; também teríamos feito uma visitinha ao Ehrat, Pamplona e atravessado então o ribeirão Garcia, para chegarmos ao cortume do Sr. Huscher, para oferecer-lhe alguns couros e peles de lontra; ao Paulo Herbst teríamos oferecido uns pranchões de urucurana. Bem, não faltará oportunidade para, noutra dia, com mais tempo disponível, fazermos todas estas visitas e cumprimentar velhos conhecidos.

Mas, onde é que estou? — com êste devaneio nem prestei muita atenção às cercanias do caminho. Ah, já sei, ali mora o latoeiro Weise e lá seu irmão, o charuteiro. Agora a lua também já se levanta por detrás do Morro do Tucano. Bem que agora a estrada está mais visível, com a claridade da lua. Oba, o que há ali? quasi que tropecei por cima de um cavalo, deitado à beirã da estrada. Deve ser do carroceiro Quost, ao pé do morro, logo aqui à direita. A esquerda temos a casa de Mathes e à direita Ferdinando Riediger, depois Rischbieter, o fabricante de vinagre Essig-Rischbieter). Mais adiante, já subindo a colina, a cervejaria de Hosang & Schossland e a frente desta, à direita, o carpinteiro Beims, que não só sabe construir carros e carroças, mas também é um hábil entalhador, e, quando lhe sobra tempo, fabrica, para as festas de natal, ou por encomenda, para o aniversário de algum garoto, cavalos de balouçar e esculpe as cabeças dos cavalos de pau. Logo em seguida, no mesmo lado, o Labes, de prenome Charles.

De repente ouçamos o barulho de uma carruagem, e, quase na cadência do trotar dos cavalos, um canto alegre no silêncio da noite. Pela voz sonora do cantor, reconhecemos logo que é o nosso Pastor Hermann Faulhaber. Amanhã, domingo, certamente há culto em Badenfurth e neste caso o Sr. Pastor já segue para lá na véspera, pois antes do culto ainda deve tomar nota e registrar os batizados. Também houve um óbito a semana passada, o professor é que o substituiu no enterro, mas o pastor tem que fazer o registro no livro competente da comunidade. Em frente à casa do Gaulke, a carruagem nos alcança e o Pastor manda parar o carro, pois certamente nos reconheceu à luz da lua e nos convida para embarcar. — Ainda tão tarde assim a caminho? Embarque, pois é melhor viajar embarcado, do que sozinho a pé, mesmo indo em companhia do Pastor, — diz êle gracejando. Aceitamos de bom grado. Na entrada da estrada do Ribeirão Jara-raca, o Sr. Pastor começa novamente a cantar, e sua cantiga ressoa até à casa do tanceiro Probst e de Augusto Werner, e até o pedreiro Radloff, lá em cima da colina deve estar ouvindo a voz sonora. Agora também nós juntamos a nossa voz, fazendo côro e, ao chegarmos defronte a casa do professor Carl Hertel, estamos no final da terceira estrofe da cantiga. O professor Hertel, que também exerce a função de organista da igreja evangélica de Blumenau, logo sabe quem é que está passando, e abre a janela para cumprimentar seu querido pastor. Na padaria de Paulo Lang, a chaminé solta grossas nuvens de fumaça. Sinal de que o padeiro está em franca atividade e está preparando o pão para o domingo, pois os blumenauenses querem os seus pãesinhos frescos, também no domingo, isto êle sabe muito bem. — Passamos pela cervejaria do Rischbieter e logo depois pela casa da Família Lorenz, com seu belo e espaçoso jardim. Agora o carro está correndo um pouco mais depressa, pois está descendo a ladeira do barranco do Ribeirão do Tigre. Estamos agora já dentro do bairro de Altona. Este bairro também devemos visitar uma vez, mas de dia, pois à noite não se vê quase nada e também não podemos visitar ninguém para um bate-papo. Além disso há muitas coisas interessantes aqui: o museu histórico e cultural do Jennrich, que já possui uma porção de objetos e peças raras, além de grande número de aves e animais empalhados. Otto Jennich, que é dono de uma cervejaria, é um apaixonado colecionador de objetos e peças de museu, classificando e ordenando tudo, de conformidade com a sua espécie, em estantes, armários e vitrinas. Cuida com muito zelo e amor de tudo, sendo seu maior prazer, poder mostrar seu museu a estudiosos e visitantes. O livro de registro dos visitantes contém vários milhares de assinaturas, entre estas de ilustres capacidades na ciência e na arte. Outra

atração é a cancha de bolão da Sociedade Teutônia. Pelo menos assim afirmam os frequentadores daquele local: Grahl, Auerbach, Morauer, Marx, Theodor Lueders, Liesenberg, Parucker, Specht, Galluff, Boettcher, Abry, P. Chr. Feddersen, Franke, todos elogiam sempre a sua "Teutonia", em altos tons, não admitindo local mais divertido e grupo mais coeso do que o deles. Bem, que fiquem com sua opinião. Parece-me que o Pastor Faulhaber também concorda comigo, pois após termos passado pela localidade de Altona, deixando o negócio de Specht e a ferraria de Galluff para traz, acenou com a cabeça para traz e diz: Virá o dia em que o pessoal de Altona não se distinguirá mais dos blumenaenses, pois quando a Rua principal estiver estendida até ao Morro da Lesma e povoada, casa em casa, além da propriedade do Spernau e mais adiante ainda, haverá uma só cidade de Blumenau. E esta época virá, isso lhe afirmo. E o Sr. Pastor deve sabê-lo, ao afirmar isto. Sua perspectiva para o futuro deve ser verdadeira. Mais uns cem anos, neste ritmo de trabalho e progresso dos Blumenaenses, sua atividade e coragem de iniciativas, quem poderá dizer como se apresentará, daqui a um século esta comuna, hoje ainda metade cidade e metade colônia? — Salve Blumenau, imenso legado de um pioneiro de larga visão, como igual outro fundador não a possuiu, obra imperescível de nosso inesquecível, abnegado e incansável Pai, Doutor Hermann Blumenau.

EPÍLOGO

Ao relatar este vagaroso passeio pela rua principal de Blumenau, não quiz o autor com isso dizer que foi ele mesmo quem naquela época representava a personagem que lentamente passava pelas ruas de Blumenau, também não quiz focalizar o irrequeto Sr. Prinz da Ponta Aguda ou o Galopp-Schneider de Mas-saranduba, não, foi apenas um "alguém" que passava pela rua, observando as personagens que lhe davam vida, olhando nas ruas transversais, focalizando uma ou outra casa e espiando porta a dentro, "alguém" que alimentava profundo amor por Blumenau e pelos blumenaenses, que se tornou e ainda conserva blumenaense de corpo e alma. Aquela época, ainda um menino, que diariamente transitava pela rua principal, para frequentar a "Escola Nova" na Rua das Palmeiras, ou, mais tarde, a escola pública, que era regida pelo professor Saxis, onde hoje se ergue o Hospital Santa Catarina. E si hoje, o autor destas linhas, já em avançada idade, volta com suas recordações àquela época, é porque seu estado, não lhe permitindo mais aquela atividade física, lhe proporciona o tempo necessário para se ocupar com aquelas figuras do passado e rebuscar em sua memória os acontecimentos ocorridos no início deste século. Os tempos antigos de Blumenau reaparecem nitidamente na sua retina e as personagens daqueles tempos aparecem no palco. Os velhos blumenaenses certamente poderão acompanhar o escritor em seus sonhos e devaneios, porém a juventude, a nova geração dificilmente nos compreenderá.

As personagens de velhos originais, como a do alejado "Karrussel-Jahn" ou do "Stiefel-August", nada lhes significa, mas nós outros, os seus contemporâneos, não nos podemos furtar de vê-los como se viessem ao nosso encontro nas ruas poeirentas da velha Blumenau, onde não se ouvia nenhum silvo de locomotivas, nenhum buzinar de automóvel, nem escutamos as vozes estridentes de alto-falantes desafinados ou de radiolas de "alta-fidelidade" com todo o seu volume aberto. Apenas os apitos dos vapores "Progresso" e "Blumenau" e do rebocador "Jan" ressoam vez por outra no Rio Itajaí-Açu, anunciando que estão empenhados em manter a comunicação comercial e postal com os demais centros do País e de além-mar. Para o interior da colônia, porém, apenas se ouve os estalos dos relhos e o tilintar das guizos pendurados nos pescoços das parelhas de cavalos que, puxando pesadas carroças de quatro rodas, levam e trazem as mercadorias para as transações comerciais entre coloros e comerciantes, servindo ainda de veículo de ligação do comércio e trânsito até os mais longínquos pontos da colônia e portador da cultura e notícias vindas da velha Europa e dos demais Estados do Brasil. E, em sucessivas levadas, estas mesmas carroças transportam novos grupos de emigrantes alemães, italianos e Poloneses, enquanto nós, observando todos estes movimentos, vagamos despreocupados pela artéria principal de Blumenau, lançando nosso olhar para a esquerda e para a direita, mas não para nos precaver de algum artopeamento, mas para observar tudo o que se passa, para depois... Hópla... quase que fomos mesmo atropelados, por uma bicicleta!

OFERTA QUE REPRESENTA AMIZADE

J. J. PULS

RECENTEMENTE, publicamos neste acolhedor e dinâmico jornal, uma crônica, focalizando uma publicação de importância fora de comum: "Blumenau em Cadernos", cuja existência e sobrevivência é devida, antes de tudo, à dedicação e ao empenho do Sr. J. Ferreira da Silva, seu editor. Devéras surpreendido, recebemos, há dias, como gentil oferta, a coleção completa (!) da publicação em tela. Eis comentários a respeito.

—o0o—

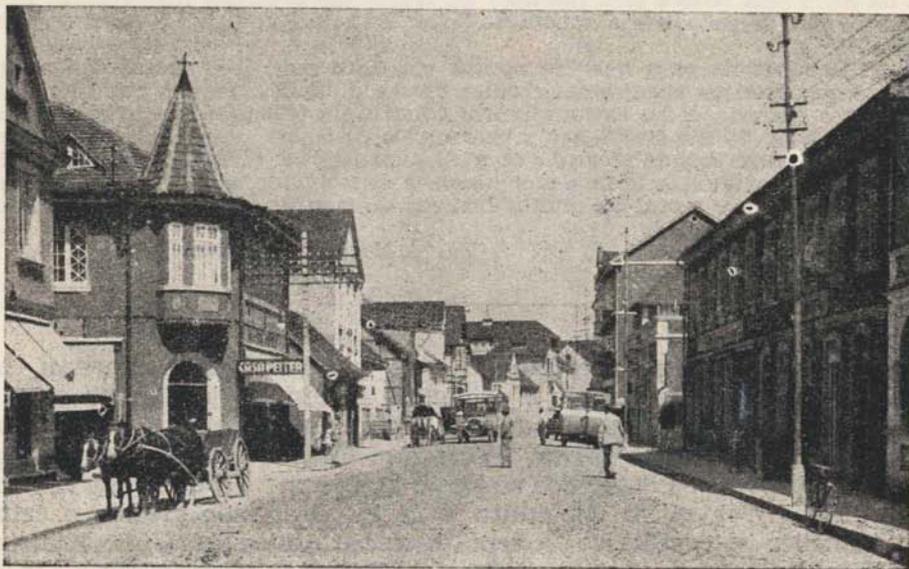
ANTES de tudo, Sr. J. Ferreira da Silva, os nossos mais profundos agradecimentos pela remessa (através do bom amigo, Sr. Carlos Ficker) de todos os números até o presente editados dêsse notável mensário que é "Blumenau em Cadernos".

Consideramos a oferta como sinal de Amizade, pois o nosso comentário — causador de tão grato gesto — não foi digno de tanto. Desejamos, unicamente prestigiar de modo modesto uma obra que deve ser reputada como sendo mais do que valiosa e isto justamente num ambiente social bastante negativo às Artes, às Letras e às Ciências, mas dedicado com ardor todo particular ao insano materialismo!

—o0o—

A COLEÇÃO completa de "Blumenau em Cadernos" nos permite agora ter uma visão de conjunto do extraordinário trabalho desenvolvido por essa equipe liderada pelo Sr. J. Ferreira da Silva.

O 1.º número surgiu em novembro de 1957, há perto de cinco anos, portanto. — "A Que Viemos" é o título da introdução dos leitores aos propósitos da publicação; destacamos: "O próprio título o está dizendo. Traremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com o nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município, mais es-



Blumenau do tempo das carroças e dos primeiros automóveis. Um trecho da rua 15 de novembro, entre a Ângelo Dias e a Caetano Deeke.

timada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado!"

Este caminho foi trilhado fielmente e sem esmorecimento. A modificação substancial que houve foi a inclusão de assuntos relacionados com o passado de outras regiões catarinenses, inclusive Joinville.

Assim procedendo, "Blumenau em Cadernos" saiu dos limites inicialmente traçados, alcançando maior importância e tornando-se cada tomo rica fonte de informações históricas; pode-se mesmo dizer que são verdadeiros "Anais Históricos Catarinenses".

—o0o—

OS QUATRO tomos, até aqui publicados (1957-1960), são de 240 páginas cada um, possuindo capas sugestivas, isto é, o Monumento do Dr. Hermann Blumenau (1957); as Armas do Município de Blumenau (1959); a Catedral de Blumenau (1960); o retrato do Dr. Blumenau (1961); e para o ano em curso, vista de Blumenau-Colônia. Note-se que em 1958 foram reunidos os meses de Junho (N.º 8), e Setembro e Outubro (N.º 10), o que foi medida acertada, pois daí por diante cada tomo teve o seu início em Janeiro.

—o0o—

"OUTRA Etapa" é o artigo de introdução ao Tomo II, que conclui dizendo: "Continuem a ajudar-nos os que até aqui vêm colaborando conosco e nos incentivando e nós chegaremos também ao fim desta segunda jornada porque entusiasmo, abnegação e dedicação aos interesses da comuna não nos faltam. E chegaremos certos de ter prestado um bom serviço à nossa terra e à sua gente".

Um ano depois, ao dar abertura ao Tomo III vem uma crônica sob o título "Nova Caminhada", da qual destacamos: "Tivemos de lutar com toda a sorte de contrariedades e aborrecimentos. Não fôsse a grandeza do ideal que nos orienta e, certamente, seríamos deixado a empreitada pelo meio". — Razões de ordem financeira, incompreensões, dificuldades técnicas, muita coisa conspirou contra nós nesses dois anos de lutas". — "Persistimos, porém. Sacrificando-nos, é verdade, e de maneira, às vezes a influir a nossa própria saúde!"

—o0o—

REALMENTE, o empenho para que obras como "Blumenau em Cadernos" possam florir e sobreviver, tem que ser máximo, completo. E isto o Sr. J. Ferreira da Silva tem feito e está fazendo! Os frutos são especiais inigualáveis, resultando, antes de tudo, numa satisfação quase intraduzível, que é a do dever cumprido.

Fazemos votos para que "Blumenau em Cadernos" se desenvolva sempre mais e que prossiga sendo uma crônica viva e dinâmica daquilo que se relaciona com o passado dessa extraordinária colmeia de trabalho estendida ao longo de bom trecho do Rio Itajaí-Açú a bela cidade de Blumenau. E, paralelamente, a colha fatos históricos de recantos os mais distantes da Terra Barriga-Verde. Será esse mensário então obra maior ainda, e sem dúvida, contará com crescente apoio financeiro e moral de muitos homens de bem de todo o Estado de Santa Catarina!

(Da "A Notícia", de Joinville.)



Johann Schreep, proprietário do principal hotel de Blumenau, nos últimos anos da colônia e primeiros do município, faleceu a 16 de maio de 1882. Ao desatrelar o cavalo do carro, o animal dera-lhe um coice, quebrando-lhe a perna. Teve que fazer a amputação. A operação não surtiu os desejados efeitos e Schreep veio a falecer em consequência. Sua morte foi muito sentida, tendo sido grande o acompanhamento ao cemitério. À sepultura falaram os srs. Júlio Sametzki e H. Koehler Senior. As Sociedades de Atiradores, "Turnverein" e "Germania" compareceram com seus estandartes ao entêrro e entoaram, à beira do túmulo, os cantos prediletos do extinto que morreu aos 85 anos de idade.

Grandes Admiradores da Família Imperial

ARNALDO S. THIAGO

Foi o Brasil, no que concerne à sua organização política, um dos países mais felizes do mundo. Tem a História pátria lances admiráveis e que se prestam à exaltação do nosso patriotismo, com eloquência maior do que a inspirada a Victor Hugo com relação a certos episódios da História da França, como a batalha de Waterloo; a Alexandre Herculano, com relação aos fastos de Portugal, etc.

Mas, para isso é preciso cuidar da "mestra da vida" à maneira de Saint Real, para quem a História consistia em "procurar na fecundidade de sua imaginação recursos contra a esterilidade dos acontecimentos" ("chercher dans la fécondité de son imagination des ressources contre la stérilité des événements"), segundo depoimento de Josué Montello, em "Perfil de Saint-Real", folhetim do Jornal do Comércio de 28 de julho de 1962.

A propósito do assunto que corresponde ao título deste pequeno trabalho, o que desejamos dizer é que conhecemos em São Francisco do Sul dois homens que não perdiam ocasião de manifestar veneração pelo Imperador do Brasil e, cerio por causa d'êle, à Família Imperial Brasileira que teve a glória de possuir em seu seio, além da respeitável e impar figura de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, iluminada por incomparável modestia, também a da Princesa Isabel — a redentora, como ficou sendo chamada depois que assinou a carta de libertação de todos os escravos do Brasil.

Um desses homens naturais de São Francisco do Sul, foi o saudoso Coronel José Antônio de Oliveira; o outro, José Luiz da Costa Pereira.

Essa admiração, que levava o Zeca (assim era conhecido na intimidade o sr. José Luiz), a reunir quanto retrato do Imperador, ou de qualquer membro de sua família, que porventura encontrasse nas mãos de qualquer pessoa, a quem assediava até fazer-lhe presente do retrato invejado, foi que

induziu o Coronel Oliveira, logo que soube da passagem, por São Francisco, do Conde d'Eu, a aparelhar convenientemente o grande sobrado, em que residia com sua família, tendo na parte térrea a casa de negócio (sobrado ainda hoje existente na rua Babitonga, bastante reduzido em suas dimensões), para oferecer condigna hospedagem ao espôso da Princesa Isabel, que, embora viajando em companhia de sua espôsa e dos filhos, viera sozinho a São Francisco do Sul, de onde partiu para Florianópolis, em cuja cidade se hospedou na aprável residência do sr. José Vilela, situada na extensa rua Esteves Júnior, que liga o centro da capital à Praia de Fora. Em Florianópolis, como sucedeu, encontrar-se-ia com a imperial família.

Possuía o ilustre espôso da Princesa Isabel o título nobiliárquico de Conde d'Eu, tendo o nome de Luiz Filipe Maria Fernando Gastão, descendendo, em linha direta, do duque de Nemours e da Princesa Vitória de Saxe Coburgo Gotha, de cujo nobre casal era o primogênito. Viajando em fins de 1884, quando imenso prestígio ainda desfrutava a Família Imperial, prendia-se a excursão a sérios motivos de Estado, pois Isabel, sua espôsa, era a herdeira do trono. Grande honra, portanto, devia ser o dar-lhe hospedagem. Imagine-se o alvoroço que a presença de tão importante personagem devia despertar na gente de São Francisco!

Por essa ocasião mantinha o ilustre baiano, Dr. Abdon Batista, genro do Coronel Oliveira, o "Democrata", primeiro jornal que circulou em São Francisco, impresso em tipografia própria, e foi, portanto, o Dr. Abdon, médico de fama, que o mais relevante papel desempenhou nas honras e nas homenagens tributadas ao nobre visitante. E como, àquele tempo, dois únicos Partidos — o Liberal e o Conservador — disputavam o poder, estando de cima, na ocasião, o Liberal, bem se pode imaginar a que série de remoques e verrinas não teriam

ficado expostos tanto o hospedeiro do Conde d'Eu, em sua qualidade de prestigioso chefe político liberal, como o ilustre genro, baiano cultíssimo, que desempenhou, depois, na República, os mais elevados cargos públicos, como os de deputado, senador, vice-governador do Estado que interinamente governou, dando eloquentes provas de sua capacidade administrativa, nos atos de governo que praticou, especialmente no setor do Ensino Público, pois a êle deve o Estado de Santa Catarina o contrato com o de São Paulo, para que fôsse pôto à disposição do primeiro o professor Orestes Guimarães, a quem se deve, por sua vez, a reforma que excelentes resultados até hoje está dando, no setor da Instrução Pública.

A revolução de 93 trouxe para o Coronel Oliveira e para o seu ilustre genro, ao lado de sérios dissabores, animosidades terríveis, mais exacerbadas porque foram êles os vencidos: "Ai! dos vencidos!" — já diziam os romanos. Mas à posteridade cabe o dever de repôr os sucessos históricos em seus devidos lugares, com a serenidade sem a qual ninguém deve se abalançar a escrever sôbre História.

Esperamos que dêsses acontecimentos ainda alguém venha a se ocupar, com a seriedade e a circunspeção de um verdadeiro historiador, que saiba "procurar na fecundidade de sua imaginação, à maneira de Saint-Real, recursos contra a esterilidade dos acontecimentos", historiador que tenha sempre por objetivo firmar o prestígio de sua pátria e de sua terra natal.

A antiga Família Imperial do Brasil continua a ter os seus grandes admiradores, em cujo número tem a honra de incluir-se quem estas linhas subscrive.

—*☆*—

O Hotel Holetz, recentemente demolido para dar lugar ao Grande Hotel Blumenau, foi, durante meio século, o principal Hotel de Blumenau. Foi construído em 1902 e inaugurado em 1.º de setembro dêsse ano.

AOS NOSSOS LEITORES

Chegando ao término do 5.º ano de sua existência "**Blumenau em Cadernos**" completa, com esta edição, o V Tomo.

O ano que passou nos foi extremamente difícil. Percalços de tôda sorte nos foram postos no caminho. O constante aumento dos preços da matéria prima e da mão-de-obra, causaram sérios transtornos ao nosso orçamento, já bastante mingado em épocas normais.

Ultimamente, o preço de cada edição nos tem custado mais do que nos pagam os nossos assinantes e os que nos auxiliam com anúncios.

Mesmo assim, a custo sabe Deus de quantas renúncias, de quantos sacrifícios, conseguimos chegar ao fim de mais uma etapa. E isso, em grande parte, se deve à boa vontade do governo municipal que, pela sua ilustre câmara de Vereadores e pelo seu digno Prefeito, não nos tem regateado apóio moral e financeiro.

O comércio e as indústrias locais, igualmente, nos tem prestado inestimável concurso, demonstrando sempre interesse em amparar a publicação dêste periódico, reconhecendo-o, assim, de incontável utilidade ao desenvolvimento econômico e cultural da comuna a que servimos.

A êles, os nossos mais sinceros agradecimentos, o nosso reconhecimento, extensivos, também, aos senhores assinantes, aos quais muito devemos.

Com os nossos agradecimentos, deixamos aqui registrados os votos sinceros que fazemos para que o novo ano de 1963 traga a todos muitas venturas e prosperidade e a nós nos facilite a tarefa ingente que temos pela frente e que — assim Deus nos ajude! — cumprimos com a mesma fé e o mesmo entusiasmo que, até aqui, nos tem iluminado o caminho.

Os Francêses na Baía Babitonga

A COLONIZAÇÃO
FRANCESA DO SAÍ

CARLOS FICKER

A primeira expedição européia que explorou o litoral de Sta. Catarina, supõe-se ter sido a do francês Binot Paulmier de Gonneville; saindo do pôrto de Honfleur, na França, em junho de 1503, com destino à Índia Oriental, devido a ventos contrários, rumou para oeste e descobriu, a 5 de janeiro de 1504 uma grande terra, entrando o "ESPOIR" — assim se chamava o navio expedicionário — num ... "rio que era quase como o de Orne" ... Permaneceu a expedição alguns meses no rio de São Francisco do Sul e mantendo boas relações com os indígenas carijós, que chamavam a vasta baía de "BABITONGA", conseguiu levar, com promessa de o tornar a trazer, um menino, filho do Cacique. O selvagzinho nunca mais voltou e foi adotado como filho por Binot.

Não queremos entrar em debates, se o francês Gonneville era ou não era realmente o primeiro Europeu a explorar a ilha de São Francisco do Sul. Queremos apenas apontar a coincidência do fato, que eram franceses que iniciaram a colonização na mesma baía de Babitonga, em princípios de 1842.

Ficou gravada na história essa colonização, aventura de puro idealismo, como "Colônia do Saí".

A primeira referência que conhecemos sobre o projeto, encontramos na carta do futuro diretor da colônia, Monsieur Dr. Benoit Jules Mure, datada em São Francisco, 27 de fevereiro de 1841 e endereçada ao então Presidente da Província de Santa Catarina, Marechal de Campo Graduado, Antero José Ferreira de Brito, em Desterro, hoje Florianópolis:

"Ilmo e Exmo Snr. Presidente.

Antes de partir da Província de Santa Catarina, tenho a honra de participar a V. Excia. alguns particulares sobre os resultados da minha viagem.

Querendo evitar detalhes inúteis não devo, contudo, esconder a V.

Excia., que o Rio de São Francisco me parece offerecer as melhores proporções para o estabelecimento da Colônia Industrial, da qual tenho apresentado o projecto aos Ministros de Sua Magestade.

Hei achado allí um vasto e fértil terreno, caxoeiras abundantes e elevadas, um vasto e seguro porto que talvez não há igual no mundo; a que se junta a vantagem da Linha de Defeza já aberta que offerecerá uma fácil e breve comunicação com o interior do Imperio pelo caminho de Curitiba; pois se vai cada um dia aperfeiçoando mais." ... (trata-se com referência a "Linha de Defeza" da picada aberta pela presidência da Província de Sta. Catarina ... do lugar Trez Barras, no Rio de S. Francisco, com destino a extremidade Sul da Província, sempre ao mar da serra, guarnecida de Postos Militares de duas legoas, para cobrir todas as plantações das incursões dos Índios Selvagens" ... conforme a "Falla" do Presidente da Província em 1.º de março de 1841).

Continua a carta do Dr. Benoit Jules Mure: ... "Este caminho nos dará os meios de aqui termos a preços commodos a carne fresca para alimentação dos nossos colonos, e de podermos abrir um commercio muito extenso de permuta entre a França e as povoações internas do Brasil. Faltam estas vantagens e condições à Enseada de Garopas, que depois de S. Francisco parece mais apropriado para a realização do meu projecto.

O Rio Itajahy apresenta uma barra perigosa; nenhum ou pouco terreno devoluto, beira rio, e esperanças menos brilhantes de commercio com a Província de São Paulo.

Tenho pezar de não haver visitado a Armação grande de Sta. Catharina (trata-se da Armação de Itapocoroy), onde o Snr. Commandante do Patacho Bellico recusou tocar, deixando-a atraz

quando eu dormia, depois de ter-me prometido expressamente o contrário, compromettendo assim o bom êxito da minha missão, como fez em várias outras occasiões, das quaes é inutil fallar agora.

Emfim, e voltando ao objecto principal desta carta: o terreno que parece mais conveniente para minha colonia é a península situada defronte a Ilha de S. Francisco, no triângulo, cujos tres lados são banhados pelo Rio São Francisco, pelo do Palmitar até o Sahy grande, e pelo mar grosso.

Os únicos obstáculos que nisto se encontram, são: 1.º a occupação por moradores de todas as margens desta península com fuido de meia legoa para mais. Estes não se pode remover de todo, sendo obrigados os respectivos moradores a dar passagem livre até o mar”.

“O segundo he a posse talvez illegal de alguns moradores, e a concessão feita ao Illmo Sr. Coronel d’Oliveira Camacho, de duas legoas quadradas de terreno que abraça quasi toda a sobredita península. Este segundo obstaculo já foi removido graças a generosidade e patriotismo illuminado do Illmo Sr. Coronel, que cedeu a bem da fundação do estabelecimento, dos direitos que tem ao terreno que lhe foi concedido.

A’ vista disso, crelo poder requerer ao Governo de Sua Magestade a concessão da sobredita península, exceptuadas as margens occupadas, ficando, livre das condições impostas pelas Leis Provinciais de 1836 aos Emprehededores de Colonias, pois se achão contrarias aos contractos de engajamentos dos colonos e ao feito com o Governo.

Devo observar a V. Excia, que essas Leis determinando os direitos dos Colonos e dos Emprehededores e contemplando um só caso particular, limitão em demasia a liberdade dos contractos. O verdadeiro Emprehededor desta Colonia Industrial é o Governo mesmo, e que elle não se achava nas circumstancias de um Emprehededor particular; e tem exigido de nós outras condições, outras seguranças e compensações de seus avanços que as que são dadas a um Capitalista privado.

Emquanto à concessão inteira da Península, que talvez seja um pou-

co maior que o terreno concedido ao Illmo Snr. Camacho, isso terá a vantagem de dar ao estabelecimento limites naturaes, e de evitar despezas de medições e demarcações, e eu espero que a vinda ao Brazil de uma primeira Colonia Industrial merecerá, seja do Governo, seja da Assembléia Provincial esse favor que animará muito aos nossos colonos, e os consolará em parte da occupação geral de todas as margens da Península do Sahy por moradores, que devem achar tantas vantagens na fundação do nosso estabelecimento.

Só me resta agradecer a V. Excia. a coadjuvação activa e efficaz que tem prestado ao bom successo de minha commissão, assim como todos os Comandantes Militares e outras Autoridades dos Districtos que tenho atravessado e para os quaes fui portador das Cartas de recommendação de V. Excia.

Espero de Sua bondade que V. Excia. fará toda diligencia possivel para a conclusão deste negocio, reflectindo quanto tempo tenho gastado e devo gastar ainda, as enormes distancias que deve atravessar a minha correspondencia com o Governo, e com os Colonos, e a necessidade de concluir cedo um tratado definitivo, afim de que elles cheguem ao Brazil no decurso do anno corrente.

Poucos dias depois desta carta, minha esposa chegará com o Patacho -Bellico a Santa Catharina; ella pode fornecer a V. Excia outros documentos se forem precisos, tendo (ela) visitado commigo todos os pontos mais interessantes do litoral, sendo muito bem informada de tudo, quanto tem occorrido. De V. Excia. obrigadissimo Criado,

Rio de S. Francisco, 27 de Fevereiro de 1841. Dr. Bento Mure. ...”

Com esta carta, um valioso documento da projetada “Colônia Sahy”, requerendo a concessão de terras devolutas no Município de S. Francisco do Sul, começa a experiencia prática dum FALANSTÉRIO no Brasil, de acôrdo com as doutrinas socialistas de Charles Fourier, antecessor do marxismo na França (1772-1837). Baseado na associação de um grupo de colonos para uma habitação coletiva (falanstério) e produção e consu-

mo comum conforme as idéias socialistas do filósofo francês, baseado finalmente num idealismo fraternista, esta empresa originalíssima conseguiu em 11 de dezembro de 1841 a concessão requerida de duas leguas quadradas na península do Sai, Município de S. Francisco do Sul.

Encontramos novas notícias sobre a "Colônia Industrial de Sahy" no livro do diretor da "Société Belge-Brésilienne de Colonisation au Brésil", Monsieur Charles van Lede, edição de Bruxelles 1843: "De la Colonisation au Brésil".

Charles van Lede visitou o Brasil em 1842 e percorreu o litoral de Santa Catarina em procura de terras devolutas para fundar uma colônia belga. Era acompanhado do Monsieur Fontaine, delegado da Sociedade de Comercio de Bruges em um Major Andrea. A descrição desta exploração, feita em março e abril de 1842, é obra de real valor histórico para Santa Catarina. Sobre a colônia do "Docteur Mure" diz o seguinte:

... "Le 11 décembre 1841, le da Silva Mafra, ayant été nommé nement brésilien une concession de deux lieus carrés, et quelque subsides devant servir à l'établissement d'une colonie industrielle au Sahy. Parmi les conditions imposées au docteur, se trouvait celle, d'y transporter 500 colons dans l'espace d'une année, à compter de la date de la concession. ..."

... "Le 25 avril 1842, M. José da Silva Mafra, ayant été nommé inspecteur de la colonie, reçut ordre d'aller la visiter et de faire parvenir un rapport au gouvernement sur la situation de cette colonie; le 22 juin d'après ce rapport, le docteur Mure n'avait encore que 21 (vingt et une) personnes, parmi lesquelles trois femmes et deux enfants. Mais 17 nouveaux colons (dix-sept) venaient d'arriver au São Francisco, le port le plus rapproché du Sahy; la plupart étaient des charpentier et des laboureurs. Comme on le voit, ou le docteur Mure avait été malheureux dans le choix de ses moyens et de ses colons, ou bien il avait été mal soutenu en Europe. Quoi qu'il en fut, le 11 décembre 1842, le nombre des colons à transporter tait loin de se trouver au Sahy; mais le gouvernement du Brésil, com-

prenant toute l'importance de la colonisation, bien loin de profiter de la circonstance que son contrat n'avait pas été exécuté en temps, et de saisir ce prétexte pour ne plus continuer ses subsides, vint, au contraire, en aide au docteur Mure, en lui promettant de nouveaux encouragements qu'il ne tarda pas à lui accorder".

—000—

Charles van Lede em setembro de 1844 requereu à Presidência da Província, duas léguas quadradas de terras à margem do Itajaí-mirim. Indeferido o requerimento, o Major Belga comprou do Major José Henrique Flores uma légua quadrada de terras na margem direita do grande Itajaí, trazendo em janeiro de 1846 noventa colonos compatriotas para colonizar o terreno comprado. O fracasso desta "Colônia Belga" é outro capítulo na história catarinense.

Analisando a situação da "Colônia Sai" através de documentos oficiais encontramos a primeira referência na "Falla" que o Presidente da Província de Sta. Catarina, Marechal de Campo Antero Jozé Ferreira de Brito dirigiu à Assembléia Legislativa na abertura da sua sessão ordinária em 1.º de março de 1842:

... "Ser-vos-ha grato saber que o Governo Imperial, auctorisado pela Lei Geral N.º 243, tem mandado fundar huma Colonia Industrial societaria no Município de S. Francisco, para a qual houve Sua Majestade o Imperador por bem conceder duas legoas quadradas de terra devoluta na Península de Sahy, por decreto de 11 de Dezembro último, que aprovou as condições do Contracto celebrado pelo Governo com o Doutor Bento Mure, Empreziario da Colonia, o qual no prazo de hum anno deve ter nella quinhentos colonos societarios..."

A empresa sob a direção do docteur Benoit Jules Mure, fundada com a intenção de fazer brotar uma metrópole de renovação social, fracassou já no primeiro ano da sua existência.

Na sua "Falla" por ocasião da abertura da sessão ordinária da Assembléia Legislativa, em 1.º de março de 1843, portanto um ano

após o anúncio da fundação da colônia, o Presidente da Província declara:

...“ as fagueiras esperanças de que vos dei parte no meu ultimo relatório, á cerca da fundação da Colonia Industrial francesa na Península do Sahy, succederam serias apprehensões de que não seria bem succedido o intento as quaes desgraçadamente vemos quasi realisadas. O Doutor Bento Mure, Empreziario desta Colonia, a quem senão pode negar variada instrução, modos affaveis e eloquencia persuasiva, não se tem mostrado habil fundador, ou não tem sido feliz na escolha dos meios a êsse fim”...

Existe certa dúvida sobre a quantidade dos colonos estabelecidos no Sai. O Inspetor da colônia, M. José da Silva Mafra, em 25 de abril de 1842, apresentou o seu relatório em 22 de junho do mesmo ano, falando de 21 pessoas existentes na colônia e mais 17 colonos esperados para breve. Sendo este relatório official, não existe dúvida sobre a informação verdadeira.

Acontece que em 1855, portanto 13 anos após a fundação da colônia, o então Presidente da Província na sua “Falla” que dirigiu à Assembléa provincial, se refere à Colônia Sai (era então Presidente Dr. João José Coutinho) com as seguintes palavras:

...“Essa colonia de que tanto se fallava antes da chegada dos colonos, teve principio em Janeiro de 1842 com o estabelecimento dos primeiros com que logo se deshouverão, e não obstante ter chegado mais 117 no mesmo anno, pode-se dizer, que expirou em 1843, pois dos 217 apenas nella existião no fim desse anno nove (9) individuos!...”

Na sua “Falla” o Presidente da Província de Santa Catarina, Snr. Dr. João José Coutinho, dirigida à Assembléa Provincial em 1.º de março de 1855, portanto 13 anos após a fundação da colônia Sai, confessou que a iniciativa francesa fracassou já em 1843 restando em 1854 apenas uma população na colônia de nove individuos.

A empresa fracassou, os poucos colonos espalharam-se nas regiões mais habitadas, São Francisco, Palmital e Três Barras. Ficou porém provada a existência de ter-

ras, cuja fertilidade, aliada às excelências do clima da região, atrairá as vistas de outra organização colonizadora no futuro.

Já em 1844, portanto um ano após ter expirado a “Colônia Sai”, o Príncipe de Joinville, que contraiu matrimônio em 1.º de maio de 1843 com a Sereníssima Princesa Dona Francisca, enviou seu bastante procurador e representante, Snr. Louis François Léonce Aubé para escolher “nas melhores localidades da Província “as terras dotais a que tinha direito nesta Província de Sta. Catarina.

Depois de percorrer toda a província, fixou sua escolha sobre a margem direita do Rio São Francisco, na Baía de Babitonga e a pouca distância da fracassada Colônia do Sai.

Começa agora novo capítulo da colonização francesa; de um lado a pessoa do Príncipe de Joinville como proprietário de 25 leguas quadradas de terra — e do outro lado a “Sociedad Colonizadora de 1849 em Hamburgo”.

A fundação da “Colônia Dona Francisca”, mais tarde “Joinville”, é outra página no livro histórico desta Província de Santa Catharina e sua bellissima Baía de Babitonga.

BIBLIOGRAFIA :

- Revista Trimensal do Inst. Hist. e Geogr. 1914.
- Arnaldo S. Thiago - S. Francisco do Sul 1938.
- J. Ferreira da Silva — A Colonização do Valle do Itajahy, 1932.
- Charles van Lede — Colonisation au Bésil, 1843.
- Carlos da Costa Pereira — A Expedição do Gonneville.

SOLICITAMOS AOS PREZADOS ASSINANTES QUE AINDA NÃO EFETUARAM O PAGAMENTO DA ASSINATURA RELATIVA AO TOMO V, A FINEZA DE O FAZEREM QUANTO ANTES. EM RAZÃO DO ALTO CUSTO DAS EDIÇÕES, SUSPENDEREMOS A REMESSA DE “BLUMENAU EM CADERNOS” AOS QUE NÃO ATENDEREM A ÊSTE APÊLO.

TEMPOS DE ESCOLA

Alice von MOERS

A primeira escola de meninas, criada pelo governo em 1865, em Blumenau, encontrava-se no princípio da rua, então conhecida por "Kaiserstrasse" (Rua do Imperador), hoje Alameda Rio Branco, mesmo no lugar onde agora se ergue o prédio da agência dos Correios e Telégrafos.

A casa da escola era separada da rua por alta cerca viva, de arbustos florescentes. Entrando-se pelo portão, sob uma pérgola de trepadeiras, a vista deslumbrava-se diante de um espetáculo encantador. De cada lado do pequeno caminho de entrada, canteiros com lindas flores, muito bem cuidadas e, no meio do jardim, um vasto tapete de grama do qual duas elegantes e majestosas palmeiras reais se alçavam para além do telhado da casa, sobre o qual abriam as maravilhosas copas que balançavam ao sabor da brisa.

No fundo do jardim, ao lado esquerdo, havia uma porteira que dava para amplo pátio, onde as alunas faziam o recreio e onde altas goiabeiras e um grupo de laranjeiras projetavam sombras amenas e reconfortantes.

O prédio da escola era alto e largo, de paredes de enxaimel, que eram as mais usadas nas construções coloniais.

Subia-se por alta escada lateral esquerda para a sala de aulas. Do lado direito ficava a morada da professora. Ao meio ficava amplo varandão.

A sala de aulas era larga e clara, tendo duas janelas para a frente e outras duas para o lado do pátio. Quem entrasse, via, primeiramente, uma enorme mesa encostada à parede do meio e sobre a qual as alunas costumavam colocar os seus chapéus. Então era costume as meninas andarem sempre de chapéus, quase todos de palha, enfeitados com fitas e flores. No meio da sala, alinhavam-se os bancos compridos onde se sentavam as alunas, as maiores nos de trás, por não precisarem de maior vigilância e as pequenas nos da frente, onde mais facilmente podiam ser observadas pela mestra, cuja carteira, sobre um estrado, ficava entre as duas janelas do lado esquerdo.

Mandaram-me para a escola quando eu mal tinha seis anos, não porque eu morresse de vontade de estudar, mas porque era muito travessa. Vivia em correrias, pendurando-me das folhas das palmeiras da "Palmenalée" (a nossa conhecida rua das Palmeiras) nelas me balançando, por maiores repreensões que recebesse.

Minha irmã mais velha, que até então havia estudado e lecionado como assistente da professora de Brusque, viera para Blumenau como assistente da professora, dona Apolônia. Meus pais acharam o momento asado de mandar-me também para a escola, com outra irmã. Assim, uma era assistente, as outras duas alunas. A sala de aulas já estava cheia de meninas pequenas e grandes que falavam, gritavam e brincavam em ensurdecidora algazarra. Deram-me lugar num banco bem de frente à professora.

Quando dona Apolônia, a titular da escola, entrava na classe, como por encanto cessavam o falatório e as risadas; as alunas, caladinhas, acompanhavam-na com olhares de confiança e simpatia. Dona Apolônia era muito bondosa, muito paciente, não costumava ralhar com as suas discípulas. Dirigia a sua classe de umas 40 ou 50 alunas, com muita moderação e calma.

Uma aluna maior foi posta ao meu lado para me ajudar nos primeiros passos no caminho do saber. Mandou-me tirar da bolsa a lousa (as saudosas, as esquecíveis lousas dos nossos primeiros anos de escola!) e copiar o que escrevera no quadro negro. Nem me lembro mais se foi um i, ou um e, ou um u. No princípio era só copiar.

Não tardei em me afeiçoar a Dona Apolônia. Quando a minha lousa estava cheia de letras eu costumava subir, confiadamente, ao estrado e puxar-lhe pelo casaco para ser atendida antes das outras que lhe estivessem mais próximas. Mal, porém, ela deitava um olhar à lousa, tomava da esponja que estava sempre num pires, e apagava tudo. Isso não me desapontava, pois, eu não esperava outra coisa. Muito pior era a lição de leitura. Naquele tempo, não havia ainda as cartilhas, onde já se começa a aprender as vogais ligadas às consoantes, formando palavras, o que torna tão fácil o aprendizado da leitura. Só alguns anos mais

tarde é que elas começaram a aparecer. Pelo método antigo, o aluno tinha que digerir muito bem cada uma das 26 letras de per si. Isso era método que dificultava muito o ensino de crianças sem grande noção das coisas. Cada vez que eu fixava uma das detestadas letras, preferia pensar em brincadeiras. E quando a menina que estudava comigo fazia queixa à assistente, esta, menos paciente que Dona Apolônia, mandava logo sentar-me no "Eselsbank" (Banco dos burros). Esse banco ficava encostado às duas janelas da frente. Não tinha encosto, mas, em compensação, dêle se descortinava uma bela vista. Via-se o bonito jardim, a rua e, do lado de lá, o grande quintal do Holetz, onde se reunia enorme rebanho de ovelhas que depois seria levado ao pasto. Aquilo sim, que era bom a gente olhar. As ovelhas, umas brancas, outras pretas, pareciam ferver na mangueira, de tão irrequietas, saltitantes, ao contrário das detestadas letrinhas, muito negras, sempre imóveis e misteriosas. Sentar no "banco dos burros", portanto, não me parecia castigo.

Certa vês, por desatenta, fui posta de pé, num canto "para criar vergonha e juízo". Mas, por fatalidade, eu levava comigo o meu lapis-de-pedra e na parede, bem na minha frente, havia um pequeno buraco. Que tal aumentá-lo? Do pensar ao fazer foi apenas um upa! E comecei a escavar o furinho, a escavar. Até que se abriu a porta da sala de jantar e dona Apolônia apareceu gritando: "Mas, quem é que está furando a parede?". Imaginem o meu susto e decepção.

Grande interesse despertavam as lições de história sagrada. Quando dona Apolônia descrevia o paraíso, ficávamos como que encantadas, imóveis. Que poderia haver de mais belo, nas nossas imaginações, do que ver-se a gente rodeada de animaizinhos mansos e amigos, no meio de flôres e de árvores carregadas de frutas? Não podíamos, por isso, compreender o feio procedimento de Adão e Eva. Que pouco juízo que eles tiveram em deixar-se enganar por uma simples cobra. Ora, uma cobra mata-se e pronto...

Uma vez por semana havia lição de boas maneiras e de boa conduta. Dona Apolônia sabia bem que crianças, que se criavam em liberdade, como nós, necessitavam de conselhos para acostumarem-se a um proceder reto e discreto. Lembro-me bem de uma de suas recomendações: que não se devia nunca ler carta alheia. Achando-se uma carta, devia-se logo procurar o dono e entregá-la. E se não fôsse possível encontrar o destinatário, devia-se queimar a carta sem lê-la.

A escola era pública e, por isso, algumas vêzes por ano era visitada por um inspetor do governo. No meu tempo, o Inspetor era o dr. Cunha que vinha verificar se o ensino da língua vernácula estava sendo ministrado conforme as determinações oficiais. Ele chegava, ouvia trechos de leitura e fazia algumas perguntas às meninas, fazendo-as traduzirem do português para o alemão e vice-versa.

Durante a revolução de 1893, minha irmã perdeu o lugar de assistente e a sua colocação porque meu pai era do partido liberal, contrário ao governo.

Então, eu fui mandada para a Escola Nova, que ficava na "Palmenalée".

Foi curta, mas proveitosa, a minha convivência na escola de Dona Apolônia.



Na ata da sessão da Câmara Municipal, de 2 de março de 1916, figura entre os assuntos a debater: "...uma proposta do sr. Conselheiro Husadel para instalar um Museu sob a proteção da municipalidade, em que serão recolhidos todos os objetos oferecidos gratuitamente, principalmente os dos indígenas, não havendo no edifício da municipalidade um quarto especial para êste fim à disposição, o sr. Superintendente mandará construir armários para êste fim..."

UMA SAUDADE

Cecília BRANDÃO

Um olhar cheio de ternura ao passado que, de tanto o recordar, quase que é presente...

Manuel Marques Brandão. Meu inesquecível Avô. Parece-me que ainda o estou vendo, com seu terno de linho claro, o chapéu de feltro negro, longa barba muito bem cuidada, seu olhar doce e triste, o andar pelo velho casarão Herdara-o de um tio, João Marques da Silva, seu antecessor aqui, bem como regular fortuna que ele soube desenvolver, e grandes propriedades.

Possuía um navio, o "Douro", destinado à exportação de madeira. Muitos empregados.

Contou-me testemunha de vista que os trabalhadores, naquele bom tempo, se acontecia pagar-se-lhes o salário com alguma libra esterlina, ficavam muito aborrecidos...

No velho casarão, com pequeno jardim ligado ao de nossa casa, vivia meu Avô, deleitando-se com a companhia dos netos que lhe não faziam, absolutamente falta. Sempre havia um para lhe fazer companhia à noite. João Perí, depois Manuel. Durante o dia, quase todos. E eu, estava lá desde manhã ao anoitecer. Fascinavam-me as suas palestras. Possuía variada cultura e falava um português puro, sem o menor sotaque. Com ele, eu percorria em sonhos, o seu adorado Portugal. De tanto o ouvir, familiarizáram-me com a cidade do Pôrto, sua terra natal. Com seus monumentos, suas igrejas, praças e jardins. Com ele, conheci as maravilhosas e afamadas quintas, saboreei doces e sumarentas frutas, enlevei-me com a magia de estranhas paisagens. Extasiava-me ante os castelos e mosteiros seculares; a Batalha, os Jerônimos, a Torre dos Clérigos... Em arroubos, via-o saudar a pátria distante: — Portugal, — meu Portugal, jardim d'Europa à beira mar plantado...

E lá vinham páginas da História...

D. Afonso, D. Sebastião, Alcaçer Quibir, a tragédia de D. Inês... E os belos trechos de ópera que cantarolava... as declamações dos "Luziadas"... Exaltava-se com o "Cesse tudo quanto a antiga musa canta"... para logo se enternecer com o "Estavas linda, Inês, posta em sossêgo"...

Meu Avô possuía alma de artista, era entalhador. Esculpia em madeira quando moço, artísticos ornatos, sendo que muito me falava de seus trabalhos na bela igreja da Lapa dos Mercadores, no Rio. Com suma emoção, tive mais tarde, oportunidade de admirá-los.

Creio que também haja dessas decorações em nossa velha matriz, da qual ele foi, por algum tempo, fabricante. Referia-se muito a seu grande amigo, padre João Baptista Peters, vigário. Na capelinha antiga, de Navegantes, uma placa de mármore ostentava seu nome como componente da comissão construtora (2.2.1898).

Nas tardes de domingo, levávamos a passeio, em carinho de molas, ao hospital de S. Beatriz, do qual foi provedor durante alguns anos. Nessas ocasiões trajava-se com apuro. Um "gentleman".

Tudo que havia em sua casa, era de grande valor e beleza. Os móveis, estilo Império, soberbos lustres de cristal, o grande espelho de larga moldura, belíssimos jarrões de legítima cerâmica portuguesa, talheres de prata, louça azul com motivos chineses pintados à mão, artísticos quadros de autoria de seu irmão Abel. A um canto da sala, a grande caixa de música, deleite de nossos antepassados.

Belo, o jardim com plantas hoje pouco apreciadas, gigantescas magnólias, trepadeiras e arbustos de flores exóticas, romãs, as palmeiras reais. Para os fundos, o

parreiras sem fim. Em tempos idos, existira uma bela coleção de animais, dos quais restavam um faisão dourado que se deixara ficar, empalhado, sobre um armário, e o bando barulhento de pombos. Com um netinho ao colo, era sua distração, toda manhã, jogar-lhes a cuia de milho, para vê-los, em revoada, das alturas, em busca do alimento e da água limpa no bebedouro raso de mármore. A alegria da criança, resplandecia, então, no seu rosto bondoso.

Para alimento de pessoas extremamente enfermas, quantas, quantas vezes, vi levarem filhotes desses pombos. Era um recurso medicinal da época, hoje em desuso.

Manoel Marques Brandão, casou-se com a viuva D. Joana Gonçalves, que possui um filho, Geraldo; seus filhos: — João, Apolinário, Felix e José.

O primogenito, meu pai, Joca Brandão. Grande idealista e grande realizador. Seus pendores artísticos desde muito jovem e seu amor à terra, concretizaram-se, para gáudio de seus conterrâneos, na reorganização de um corpo cênico e fundação da Sociedade Guarani, com imediata construção da majestosa sede, orgulho da cidade, cujas linhas clássicas e imponentes, jamais serão destruídas na memória dos que tiveram a dita de a contemplar. Foi também, um dos fundadores da Sociedade Beneficente 15 de novembro e, mais tarde, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, introduzindo, com grande pompa, as cerimônias e procissões da Semana Santa.

Na organização de um teatrinho, houve grande incentivo do velho Maneca Marques, conforme relata

o Revmo. Sr. Cônego Tomaz Fontes, em seu apreciado jornal "O Brasileiro", de 20 de novembro de 1954, no qual descreve os primeiros espetáculos realizados em sua própria casa, sendo, além disso, o cenógrafo e ensaiador. O Revmo. Sr. Cônego Fontes, em criança, desempenhou papéis importantes nesses espetáculos, sendo que seu irmão, Dr. Henrique Fontes, escreveu, especialmente a comédia "O Guloso".

Esse teatrinho foi o embrião do corpo cênico da Sociedade Guarani. Seu primeiro edifício próprio, recentemente demolido, inaugurou-se em 1902 e nesse ano, fechou as portas o teatrinho do Sr. Maneca Marques.

Não só no teatro, cuja finalidade era congregar aqueles jovens itajaienses, estimulando-lhes o gosto pela cultura de tão apreciada arte, mas, em todos os grandes empreendimentos, nos albos da civilização em nossa querida terra, Manoel Marques Brandão, sempre esteve presente, com o tesouro inestimável de sua inteligência, eficiente incentivo, cooperação e comprovada experiência adquirida no velho mundo. Abrigou no seu nobre coração esta pequenina pátria, plena de encantos, qual novo jardim à beira mar plantado...

Cantam, ainda, os pardais na beira dos telhados do casarão centenário, quase em ruínas, mas não mais as luzes de outrora. Extinguiram-se ou estão dispersos, os atavios do velho lar... Mas, o teu nome, amado pioneiro, ficará imperecível e é dele que nós nos orgulhamos.

Os jornais da época contam que, a 11 de novembro de 1911, um grupo de botocudos aproximou-se, com modos pacíficos, dos colonos do Ribeirão Liberdade, em Benedito Novo. Eram, ao todo, 43 índios, entre homens, mulheres e crianças. Dias antes, o **bugreiro** José Rodrigues estivera no acampamento daqueles índios, em companhia de um rapaz índio, que ele trouxera à civilização e que servia de intérprete, convencendo os bugres que deveriam se aproximar dos colonos, que queriam viver em paz com eles. No momento, foram apanhadas várias fotografias do grupo, que era chefiado por um botocudo corpulento. Os índios queriam alimentos e armas para poderem combater os "cozoados", seus inimigos. O fato foi levado ao conhecimento das autoridades. O juiz de Direito, dr. Pedro Silva, dias depois, foi até à localidade para entrar em contato com os botocudos. Essa foi a primeira vez que selvagens do Vale do Itajaí entraram em contacto pacífico com os colonos.

A COLÔNIA BLUMENAU EM 1863

A “Colonie-Zeitung und Anzeiger fuer Dona Francisca und Blumenau”, editada em Joinville por O. Doerffel, sendo agente de Blumenau Victor Gaertner, publicou no seu primeiro ano de existência um acontecimento histórico de real interesse para Blumenau.

Sendo a “Colonie-Zeitung” de Joinville um dos primeiros periódicos (semanais) no Brasil em língua alemã — somente temos conhecimento do “Deutsche Beobachter”, Rio de Janeiro 1853 e “Deutsche Zeitung” de Pôrto Alegre, publicada dois anos antes da “Colonie-Zeitung” — inclui esta na sua pequena tiragem de 250 exemplares, além da Colônia Dona Francisca a de Blumenau durante mais de 18 anos, pois o primeiro número da “Blumenauer Zeitung” apareceu somente em janeiro de 1881.

Oferece a imprensa da época uma fonte imensa de acontecimentos e dados históricos, é claro. Em forma de “cartas ao redator” e “notícias do nosso correspondente”, a Colonie-Zeitung abriu as suas colunas aos colaboradores diversos de outras localidades, outras colônias e cujos artigos hoje representam — em muitos casos — valioso documento da história colonial.

Escreve o correspondente “ROH” de Blumenau em agôsto de 1863:

... “Uma das nossas firmas comerciais mais importantes, a “Casa Meyer & Spierling”, está edificando novo prédio co-

mercial, em cujos fundamentos foram colocados, além de diversos produtos coloniais e litografias, um memorial sôbre o estado atual da nossa Colônia Blumenau. Apresentamos aos nossos prezados leitores cópia do dito memorial:

A Colônia Blumenau, fundada em 1852 — (conforme o relatório para o ano de 1855, publicado pelo Dr. Blumenau em Rudolstadt 1856, “A Colônia alemã de Blumenau pg. 2, a colônia já foi fundada em setembro de 1850 com 17 pessoas, que em 1851 aumentou em somente mais 8 pessoas, e que, em agôsto de 1852, teve um acréscimo de 110 imigrantes. Nota da redação). — e ainda hoje sob a direção do Dr. Blumenau, cresce e floresce tranquilamente, depois de duras lutas no comêço.

Nós, os construtores desta casa, Carl Meyer e Gustav Spierling, pertencemos à colônia desde 1857, portanto seis anos. Para acompanhar o crescimento e desenvolvimento da colônia e da nossa casa comercial e, para não sofrer mais as consequências da falta de espaço na nossa primeira pequena casa, resolvemos lançar a pedra fundamental desta casa maior no dia 10 de agôsto de 1863. Que a bênção de Deus nos acompanhe da casa pequena para o edifício grande!

Era o construtor da obra o mestre de pedreiro Heinrich Krohberger de Baireuth, era carpinteiro Heinrich Kuelps de Pommern e marceneiros Carl

Friedenreich da Mark-Brandenburg e Gottfried Benz de Pommern.

Assim como nós estamos curiosos em saber, como será este lugar daqui a cem anos, também Vós, que vireis a abrir esta garrafa com os documentos, de certo gostaríeis saber, como era aqui há cem anos atrás, em nossos tempos.

A colônia tem atualmente uma população de 2114 almas, sendo 1808 protestantes com o seu pároco, padre Gattone, vindo de Hildesheim.

Estão cultivados mais ou menos 2000 morgos. A produção era no ano de 1862: 6000 arrôbas de açúcar, 13,000 medidas de cachaça, 5000 alqueires de farinha, 1800 alq. de feijão, 28,000 mãos de milho, 150 arrôbas de café, 380 arrôbas de manteiga e 250 ditos de queijo, que foram produzidos resp. em 58 engenhos de açúcar com 59 alambiques e em 52 engenhos de farinha. Existem na colônia atualmente 90 cavalos, 650 peças de gado, 1500 porcos e 8000 aves. Existem por aqui 8 carroças à tra-

ção animal. Além da agricultura estão em atividades industriais e comerciais: 3 olarias, 2 fábricas de cerâmica, 4 engenhos de milho, 4 serrarias, 3 fábricas de cerveja, 1 fábrica de vinagre e 2 panificadoras. O comércio com todos os artigos de primeira necessidade e artigos de luxo é representado por 6 vendas no local, sendo a nossa loja abastecida com grande depósito em armários e miudezas em geral, assim como vinhos do Reno e vinhos franceses e portugueses, cerveja Ale e Porter.

Local de divertimento e sociedade encontramos em 8 estabelecimentos com bares respectivamente restaurantes. A vida cultural é representada na Associação Cultural, uma associação de canto orfeônico, um teatro de amadores e uma sociedade de tiro ao alvo: somente a maçonaria até esta data não conseguiu progredir satisfatoriamente.

Adeus então, para um próximo futuro.”

ROH.



A “Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajai-Blumenau”, sociedade que deu grande impulso ao progresso de Blumenau com o estabelecimento de linhas regulares de vapores e lanchas para o transporte de passageiros e cargas entre Itajai e Blumenau, pelo rio, foi fundada em 1879. Em 21 de junho, a mesma Companhia publicava no “Kolonie-Zeitung”, de Joinville, o seguinte interessante aviso: “A Companhia de Navegação Fluvial a vapor Itajai-Blumenau pretende engajar uma pessoa idônea, que sirva de comandante no seu vapor, cuja chegada da Europa se espera em brevidade. Por tal fim chama-se pelo presente a todas as pessoas qualificadas, que quizerem entrar em concorrência, para até o dia 15 de julho p.f. vindouro por escrito dirigirem as suas relativas ofertas ao gerente abaixo assinado. Note-se que o respectivo comandante ha-de depositar uma caução de cinco ações da Companhia. Blumenau, 12 de maio de 1879. O Gerente da Companhia: Carlos Meyer”. O signatário desse convite era o sócio principal da firma Meyer & Spierling, importante casa comercial de Blumenau. E tratava-se do vapor “Progresso”, que chegara naquele ano e cujo primeiro comandante foi o sr. Carl Jansen.

O JARDIM DO BISPADO DE JOINVILLE

Pe. Raulino REITZ

Damos, a seguir, a conclusão do magnífico trabalho do erudito Padre Reitz, iniciado no número 5 (página 97) dêste mesmo tomo:

MAGNOLIACEAE

Michelia champaca L. Magnolia amarela, Magnolia de Petrópolis, Pau sabão. Árvore regular de 6-12 m. com folhas elípticas-lanceoladas, base aguda e ápice acuminado, margens levemente onduladas. Flôres auxiliares, solitárias amarelas, fortemente aromáticas. Fruto cápsula com 8-10 sementes. De Java.

Hibiscus cisplatinus St. Hil. Hibisco.

Hibiscus rosa-sinensis L. Mimo de Venus. Arbusto de 5m com grandes e abundantes folhas e com grandes folhas escarlates ou carmineas, cujo androceu sai levemente do fundo da corola. Muito usada para sebes vivas. Originária da China.

Hibiscus schizopetalus (Boul.) Hook, f. Lanterna, Hibisco de pétalas franjados. Arbusto glabro com ramos finos e pendentes, folhas lisas, ovado-elípticas, denteadas. Flôres espetaculares pendentes com pétalas profundamente dilacerados e recurvados para cima; androceu comprido. Originário da África Oriental.

MOROCEAE

Ficus microcarpa L. f. Figueira. Árvore com enormes galhos e folhas pequenas, permanentes. Fruto muito pequeno, duro, avermelhado.

Yrsinaceae

Ardisia crenata Sims. Faceira, Baguinha vermelha. Pequeno arbusto de 0,5-0,6 m de altura. Muito ornamental não só devido a sua folhagem densa, verde escura, mas ainda mais, aos seus numerosos e aglomerados frutos vermelhos, de belíssimo efeito, que se conservam na planta por muitos meses. E' originária da China e Malásia.

MYRTACEAE

Eugenia brasiliensis Lam. Grumixama. Grumixameira. Árvore de 5-12 m. de altura de folhas opostas, obovais, glabras, verde-escuros. Flôres abundantíssimas, axilares em fascículos de 4-6 alvostosas. Frutos roxo-negros, succulentos, comestíveis.

Eugenia uniflora L. Pitangueira, Arbusto com frutos vermelhos, estriados, comestíveis.

Eugenia recurvata Berg. E' indicada para o sul do Brasil, mas provavelmente se estende muito mais para o norte. Ainda não foi encontrada nativa em S. Catarina.

Syzygium Jambolanum (lam.) DC. Jambo. Arbusto com frutos ovalados e purpúreos com uma única semente.

OLEACEAE

Ligustrum lucidum Ait. Alfe-neiro do Japão, Avenida, Ligustre. Arvoreta de 6-10 m de altura, com folhas coriáceas, verde-escuras, ovadas, em ramos flexíveis. Flôres brancas, pequenas. Frutos pequenos abundantes, ramos flexíveis. Flôres brancas, pequenas. Frutos pequenos, abundantes, pretos. Comumente usado na arborização das avenidas de nossas cidades, donde o nome popular Avenida, usado em S. Catarina.

ORCHIDACEAE

Phajus tankervilleae Blume (—P. grandifolius). Fajus, Flor de S. João. Encantadora orquídea terrestre com grandes folhas pregueadas, com fortes pseudobulbos e espigas eretas de até 1,30m de altura com flôres patentes, sépalos e pétalos cor clara de chocolate, branco prateados nas costas, labelo com fauce escura. Originária do norte da Índia, Sul da China, Malásia até o norte da Austrália onde vegeta nos campos gramíneos.

OXALIDACEAE

Avarrhoha carambola L. Carambola. Pequena árvore (5-8m) de fôlhas penadas e frutos pendentes amarelados, oblongo-ovais e com cinco costelas longitudinais distintamente salientes, de côr amarela. Seus frutos agridoces comem-se crus ou são servidos em forma de compota dando-se o nome de "sobremesa de estrêlas" porque os frutos transversalmente cortados assemelham-se a estrêlas de cinco pontas.

Oxalis sp. Azedinha. Pertencem ao gênero *Oxalis* numerosas espécies ornamentais e muitas espécies ornamentais e muitas espécies das nossas ervas ruderais conhecidas pelo nome de "azedinhas" devido à acidês das partes verdes dotadas de cristais (rafideos) de oxalato de cálcio. As fôlhas longo-pencioladas assemelham-se ao trevo. As flôres são grandes em geral dotadas de côres vivas, como amarelo, vermelho e róseo. Possuem em geral rizomas grossos e carnosos de aspecto de uma cebolinha.

PALMAE

Chrysalidocarpus lutescens Wendl. Areca bambu. Palmeira esbelta com gracioso espique fino em céspides (touceiras), com fôlhas pinadas, graciosamente ereto-reclinadas, amareladas um tanto áureas sôbre a raquis e o pecíolo, dando um aspecto alegre e festivo aos nossos jardins. Fruto roxo-negro. Originário de Madagascar.

Oreodoxa regia H. B. K. Palmeira imperial. Palmeira altaneira (até 30m) com fôlhas grandes e cachos com frutos vermelhos. Comumente se confunde com a Palmeira real *Oreodoxa oleracea* Mart.) distinguindo-se dela pela base do espique (tronco) que é um tanto mais fino. E' originária das Antilhas.

Rhapis excelsa (Thumb.) Henry (—*R. flabelliformis*) Rápis. Pequena palmeira cespitosa que forma grandes touceiras graças aos estolhos subterrâneos que desenvolve. Espique reto, rijo até cerca de 3 m de altura, coberto com rede de fibras e aproveitável para bengalas e cabos de guarda-chuva; lembra um pouco os colmos da ca-

na de açúcar. Muito usada como uma duradoura palmeira cultivada em vasos. Originária do sul da China.

Euterpe edulis Mart. Içara, Juçara, Eusarova, Palmiteiro, Palmito Ripa. Esbelta palmeira com estipe de até 20m de altura de 0.20mm de diâmetro. Fôlhas pinadas graciosamente recurvadas ereto-patentes e como vegetativo formado pelas bainhas das mesmas é verde acastanhado ou avermelhado, de 1-1.5m de comprimento e fornece no seu miolo o apreciado palmito muito vendido em conserva. Inflorescências na base dêste palmito, pendentes, com muitos ramos espiciformes. Frutos esféricos, depois de bem maduros roxo-negros. Nativo nas florestas catarinenses serra-abaiço.

POLYGONACEAE

Antigonon leptopus H. & A. Antígona, Amôres agarradinhos, Amôres entrelaçados. Liana elegante com raízes tuberosas, caule fino em zigue-zague com fôlhas agitadas, verde-claras e racemos axilares com flôres roxo-avermelhadas. E' muitíssimo usada em caramanchões e pérgolas. Originária do México.

ROSACEAE

Eriobotria japonica Lindl. Ameixeira amarela. Nespereira. Árvore regular, belamente copada, fôlhas alternas, sublançoladas, dentadas na margem superior, até 30 cm de compr.; paniculas terminais tomentosas; flôres numerosas, aromáticas, brancas; frutos bagas piriformes, amarelas, comestíveis, ligeiramente acidulas, contendo 1-5 sementes. Originária da China e do Japão.

Fragaria chiloensis Duch. Morango. Tem esta planta fruto comestível muito apreciado; o ovário é inserto num receptáculo elevado que se torna carnoso: os verdadeiros frutos são as "sementes" meio-escondidas na superfície do receptáculo succulento e aromático. A multiplicação se faz por mudas.

Prunus selowii Koehne. Peçgueiro bravo. Árvore regular, fôlhas alternas, glabras, luzidias; flôres alvas em curtos racimos axilares, com muitos estames; frutos esféricos, abundantes, com sementes ricas de uma glicosidade de que se forma o ácido prússico. Ma-

deira rija de cerne escuro. E' nativa em nossas matas.

Spiraea cantoniensis Lour. var. **lanceolata** Zabel. Flor de noiva. Spiréa. Arbusto de 2m de alt. muito ramoso com folhas pequenas; flôres alvas, numerosas.

RUBIACEAE

Coffea arabica L. Cafeeiro. Arbusto sempre verde com ramos esguios e flexíveis cobertos de folhas verde-escuras, ornamentais, elípticas e onduladas na margem; flôres brancas, flagrantes, reunidas em glomérulos nas axilas das folhas; frutos vermelhos, polposos com 2 sementes. Originária da Etiópia e Angola.

Gardenia augusta (L.) Merrill. Jasmim. Arbusto pequeno (2,5m) folhas lustrosas; flôres brancas que se assemelham à camélia branca e dobrada, muito perfumada. Originária da China.

Ixora coccinea L. Ixora vermelha. Arbusto sempre verde até 1,3m de alt., com ramos em varas finas; folhas persistentes opostas, sésseis curtas, coriáceas; flôres em vistosos corimbos de cor escarlate-escuras, tubulares. Originária de leste da Índia e Ceilão.

Ixora finlaysoniana Wall. Ixora. Da mesma família que a precedente. Provavelmente originária do Ceilão.

SAXIFRAGACEAE

Hydrangea opuloides Koch, var. **otaska** Dipp. Hortência. Arbusto pequeno de folhas largas com flôres agrupadas em amplas cabeças floridas. A cor rósea ou azul depende do trato da terra. Se os cantos têm a terra revolvida, convenientemente adubada, darão flôres róseas. Mas se o cultivo for descuidado aparecem fatalmente flôres azuis, devido à grande falta da cal. Originária do Japão.

SCROPHULARIACEAE

Calceolaria scabiosifolia R. & S. Calceolária, Bolsa de pastor. Erva baixa com flôres amarelas, de forma bizarra como uma bolsa. Originária dos Andes.

STERCULIACEAE

Dombeya Wallichii (Lindl.) Benth. & Hook. Borla, Borla de sargento. Arbusto de 4-8m de folhas grandes e longo-pecioladas;

flôres dispostas em umbelas compactas, róseas ou escarlates, formando grandes cabeças pendidas que lhe deram o nome popular de Borlas. E' originário de Madagascar.

TOXODIACEAE

Cryptomeria japonica D. Don. Cedro japonês. Árvore conífera com hábito simétrico e linda folhagem composta de acículos pouco rígidos verde-azulados passando no inverno a um admirável amarelo fosco ou ferruginoso. Originário do Japão.

Cunninghamia lanceolata Hook. Cuningamia, Pinheiro Chinês. Hábito piramidal muito semelhante às Araucárias, especialmente Araucária bidwillii, mas da qual pode ser distinguida pelas folhas lustroso-verde-escuras que são mais estreitas, mais juntas e finamente serradas. Originária da China.

VERBENACEAE

Clerodendron speciosum Don. Clerodendron especioso. Planta trepadeira com flôres vermelhas e cálices brancos. Originário da África tropical.

Lantana undulata Schrank. Camará. Liana nativa no Brasil.

CONCLUSÃO

Esta lista é uma boa representação das espécies de plantas que em geral são cultivadas nos jardins das casas catarinenses. Quase todas são plantas estrangeiras o que depõe contra as atividades interessa pela introdução em nossos jardins de elementos nativos de nossa horticultura que pouco se muitas vezes superiores às plantas exóticas. Temos tantas árvores de porte, folhagem e flôres extraordinárias que poderiam ser muito mais valorizadas quando exibidas em nossos jardins e parques.

Auxiliaram-me neste estudo o botânico Roberto Klein que me acompanhou nas coleções periódicas das plantas. Na determinação devo notar a grande colaboração do botânico norte-americano Dr. Lyman B. Smith, de Washington e muitos outros.

O método de coleção foi o que está sendo usado no Plano de Coleção do Herbário "Barbosa Rodri-

gues" a saber ,a visita mensal ao jardim para apanhar material florido e frutificado das espécies que depois de sêco foi remetido para determinação a diferentes especialistas sócios correspondentes do H.B.R.

O leitor atento certamente observou entre as plantas árvores frutíferas. E' que num lado o jardim transforma-se em pomar.

Está pois de parabéns Dom Gregório Warmelling que possui em redor de seu palácio um jardim botânico que conviria ser local de visita para professores e alunos de cursos botânicos e ciências naturais.

BIBLIOGRAFIA

DESCKER, JOÃO S. — Aspectos biológicos da Flora Brasileira. S. Leopoldo, 1936.

FIGUEIREDO, ENG. EDUARDO RODRIGUES DE — Floricultura Brasileira. Edição "Chácaras e Quintais", S. Paulo, 1936.

GRAF, ALFRED BYRD — Exótica. Rutherford, N. Y., USA. 1957.

HOEHNE, F.C., M. KUHLMANN, O. HANDRO — O Jardim Botânico de S. Paulo. S. Paulo, 1941.

RIEDEL, PETER — Plants for extra-tropical regions. California Arboretum Foundation, Inc. 1957.

—ooo—
—o—

Por conveniência de pa-
nação e mesmo para dar
ao trabalho do Tenente-Co-
ronel Henrique Oscar Wiederspahn, publicado no nú-
mero passado de "Blumenau
em Cadernos", melhor apre-
sentação, fizemos a numera-
ção de suas páginas, inter-
rompendo a que vinhamos
seguindo nos cinco primeiros
números dêste tomo. Entre-
tanto, com a presente edição
dos "Cadernos" restabelece-
mos essa numeração para
conveniência do índice geral.
Assim, tendo o número de
junho-outubro, em que foi
publicado aquêle trabalho, 43
páginas e os cinco números
anteriores, com o presente
começa com a página 149.

—ooo—
—o—

★ PONTE CURT HERING

A Ponte "Curt Hering", sôbre o Itajaí-açu, em Indaial, foi inaugurada em 10 de outubro de 1926. Dez anos antes, em 1916, fazendo-se intérprete da geral aspiração dos colonos residentes nos distritos de Indaial, Warnow, Benedito Timbó, Cedros, etc., o engenheiro Weitnauer, depois do encerramento da exposição agro-pecuária de Indaial, organizou um projeto para a construção de uma ponte sôbre o Itajaí, em Indaial. O capital deveria ser reunido por meio de ações. Infelizmente, em 1918 (2 de outubro) o citado engenheiro faleceu, morrendo também o projeto. Em 1919, o dr. Victor Konder conseguiu do Congresso Estadual uma lei (1254, de agôsto) autorizando o govêrno a concorrer com a metade das despesas da construção da ponte. A lei foi sancionada pelo governador Hercílio Luz. Foi construída pela firma Emílio Odebrecht & Cia. de Pernambuco, tendo sido os trabalhos iniciados em janeiro de 1925 e terminados em setembro de 1926. Tem 175 metros de comprimento por 6 de largura.

FIGURAS DO PASSADO



Nicolau Malburg, fundador da grande firma comercial que foi, e continua sendo, um dos grandes propulsores do progresso de Itajaí, teve, do Visconde de Taunay, notável estadista e escritor, um dos maiores elogios que se pode atribuir a alguém.

No seu livro "Reminiscências" publicado em 1908, Taunay conta passagens da campanha levada a efeito, em Santa Catarina, para a eleição do substituto do Barão de Laguna, o almirante Lamego, no senado do império, em 1886.

Nicolau Malburg foi, também, um dos candidatos, como representante da zona norte da província.

A luta foi renhida e teve, como resultado, que Taunay ficou encabeçando a lista triplíce, a ser apresentada ao imperador, com 1.358 votos, enquanto Malburg ficára em terceiro lugar com 1.022 votos. O segundo, com 1235, coubera ao coronel João da Silva Ribeiro.

Houve quem dissesse a Taunay que não estava afastada a probabilidade de imperador escolhesse, dentre os três nomes da lista, o do negociante de Itajaí.

Taunay retrucou ao barão de Cotegipe, que havia feito a observação:

— ...fôra, para mim, mui grato triunfo fazer entrar no senado um alemão naturalizado, digno, por certo, de lá estar pela sisudez e ponderação.

Mais adiante, Taunay acrescenta:

— Era Nicolau Malburg residente de longos anos na cidade de Itajaí, poderosa influência nos grandes centros de imigração da província de Santa Catarina e pessoa credora de tôda estima e respeito. Homem, então, dos seus cinquenta anos, aportara uns dois decênios atrás ao Brasil, sem um real no bolso. Começando corajosamente a vida como professor de primeiras letras, geografia, história e matemáticas elementares, alcançou depois abrir escola. Em seguida, comerciante, distinguiu-se, sempre, pela escrupulosa probidade, formara família e, cauteloso e feliz nos seus negócios, conseguira, afinal, ajuntar fortuna superior, talvez, a 400 contos de réis quando o conheci em 1876.

Homem de excelente conselho, difícil era encontrar-se quem, nas mais sérias emergências da vida, dispuzesse de mais calma e pausa. Ainda me lembra a comovida e quase terrífica serenidade com que, em 1887, meses antes da sua morte, me disse:

— Estou irremediavelmente perdido, mas não tenho que me queixar da sorte. Ela sempre me protegeu. Vou sempre pior da antiga hematoquilúria; tenho no nariz um polipo que já me vai atacando os olhos e, por cima, um cancro na base da língua...

E, de fato, faleceu deste tremendo mal, no Rio de Janeiro, sem querer perto de si ninguém da família, a que muito estremecia, e suportando, sozinho, e com admirável estoicismo, as dores mais atrozes. Deu tôdas as providências para que lhe embalsamassem o corpo e o transportassem para Itajaí, ajustando os preços, como se se tratasse de outrem, de um simples cliente, de quem recebera essa incumbência.

— Quero, dizia com unção, dormir no seio da minha verdadeira pátria!

Não, por certo não era homem vulgar Nicolau Malburg".

Depois dessa opinião do grande brasileiro, glória das letras, da administração e do parlamento pátrios, que tantos serviços prestou à nação, como presidente de províncias, Santa Catarina entre elas, como soldado e como estadista, que elogio maior se poderia fazer a Nicolau Malburg?

UM PNEU ESTOURA PARA A HISTÓRIA

Frederico G. BUSCH Junior

Certos fatos pitorescos, que nos acontecem na infância, muitas vezes se fixam melhor na nossa mente do que mesmo aqueles que são de data mais recente.

Lembro-me bem ainda de um caso que sucedeu nos fins do século passado com o primeiro automóvel que rodou pelas ruas de Blumenau e que foi, também, um dos primeiros do Brasil.

O caso foi este:

Meu pai, juntamente com meu avô Henrique Probst, também uma figura de projeção na vida comercial, política e social da jovem cidade, foi o fundador da Empresa Industrial Garcia, hoje a maior organização industrial do Vale do Itajaí.

Em 1906, meu avô Probst morreu. Seu filho Júlio, herdou-lhe a parte da empresa. A substituição não deu certo e meu pai se desentendeu com o cunhado. Opiniático como era, e voluntarioso, resolveu sair da firma e notificou o seu capital. Júlio Probst, que não era menos teimoso, discordou da notificação e o caso foi parar na justiça. Foi instaurado processo civil e a demanda se arrastou por vários meses. Os dois cunhados tornaram-se inimigos acérrimos.

Como acontecia todos os domingos de manhã, também num certo dia, papai saiu a passear com os filhinhos no primeiro automóvel que aqui existiu e que era movido ainda por uma máquina a vapor.

Demos uma volta pela rua das Palmeiras e quando dobrávamos a esquina com a então rua do Itajaí (hoje rua 15) próximo à casa comercial da firma Schrader e em cuja esquina também estava situada a casa de negócio de meu tio Júlio Probst, este ali estava à porta, ao tópo da escada de frente, conversando com um amigo.

Nesse preciso momento, aconteceu um fato que passou à história: com enorme ruído, sucedeu o primeiro estouro de um pneumático em Blumenau.

Imaginem a situação de meu pai. Bem em frente da casa do seu parente e inimigo é que foi acontecer o desastre! Parecia de propósito.

Felizmente, porém, não aconteceu nada. Meu pai mandou buscar outra borracha e fez-se a substituição do pneu inutilizado. E, coisa curiosa: já naquele tempo os pneus eram o que hoje se apresenta como novidade, os pneus sem câmara.

Júlio Probst, certamente, meteu-se pela casa a dentro, abafando uma risadinha de satisfação e a pensar ou quem sabe mesmo a dizer: "Bem feito!"

Lembro-me ainda que meu pai, na hora do almoço, contava o fato à minha mãe, dizendo-lhe:

— Quando vi a cara do Júlio à porta, à primeira idéia que me ocorreu, quando o pneu estourou, foi gritar ao cunhado que, se ele estivesse mesmo disposto a matar-me, que não o fizesse ali, na companhia dos filhos...



O MINHOÇÃO

FRITZ MÜLLER

(O presente trabalho é tradução de nossa colaboradora, Cristiana Deeke Barreto, das páginas 568/571 das Obras de Fritz Müller, editadas por Alfredo Möller)

Na região serrana das províncias do sul do Brasil, entre as bacias do Uruguai e do Paraná ouve-se falar muito em um bicho enorme, lendário, que viveria debaixo da superfície da terra, ao qual chamam de "minhocão".

Minhocão é o aumentativo de minhoca, tratando-se, portanto de uma minhoca grande, gigantesca.

O que geralmente se conta dêsse minhocão é tão incrível que nos sentimos tentado a encarar tudo e de antemão, como fruto de simples fantasia.

Quem não rirá, incrédulo, ouvindo falar numa minhoca do comprimento de 30 braças e grossura de 3 braças, envolvida em resistente armação óssea, capaz de derrubar pinheiros gigantescos, a "araucaria brasiliensis", de jogá-los para os lados, como simples espigas de capim? Que consegue alterar o leito e o curso de córregos e remover a terra firme, transformando-a em lamaçais insondáveis, ou formando canais de escoamento através de pântanos e proceder assim, ou saneamento dos mesmos pelos sulcos deixados à sua passagem?

Entretanto, após exame objetivo das muitas informações, não podemos fugir, de todo à convicção da possível existência de um animal de dimensões incomuns nos extensos banhados que se estendem pelo curso dos afluentes dos dois grandes rios, se bem que se deva reduzir o tamanho que êle tem na boca do povo sempre disposto a acreditar em assuntos fantásticos.

Há oito anos, mais ou menos, teria aparecido um minhocão nas imediações da cidade de Lajes. Francisco do Amaral Varela, residente em Baguais, avistou, viajando para Lajes, ou de lá partindo, a 10 quilômetros de distância, mais ou menos, daquela cidade, à margem do rio Caveiras, um gigantesco animal desconhecido, da grossura de quase um metro, mas não muito comprido, com focinho de porco, não tendo podido notar se tinha pernas ou não. Não se atrevendo a atacar o bicho sozinho, alarmou os vizinhos; mas quando retornou com êstes ao local, o bicho havia desaparecido, se bem que não sem deixar vestígio duradouro. Passando por baixo do solo, afofara a terra que, desmoronando atrás dêle, formava uma vala de um metro de largura, mais ou menos.

Uma vala parecida (formada pelo mesmo bicho?) apareceu semanas depois no lado oposto da cidade, a 6 quilômetros, mais ou menos da mesma. O caminho subterrâneo passava aí por baixo das raízes de um pinheiro e, segundo consta, perdia-se num pântano.

O senhor Frederico Kelling, a quem devo a informação, vivia naquela época como comerciante em Lajes, tendo pessoalmente visto a tal vala.

Em uma das suas fatigantes excursões, durante o levantamento topográfico e demarcação da linha para uma via de comunicação entre Itajaí e o planalto catarinense, chegou o senhor Emílio Odebrecht, há vários anos, à extensa região pantanosa, banhada por um braço do rio Marombas.

O avanço, nessa região, mostrava-se sumamente difícil devido a valas serpenteantes que acompanhavam o curso do mesmo rio, comunicando-se, por vezes, com o mesmo. Eram largas demais para serem atravessadas de um passo, mas havia possibilidade de transpô-las de um salto. A largura, portanto, era mais ou menos, a da vala que o sr. Kelling observara em Lajes.

O sr. Odebrecht, na época, não encontrou explicação para o fenômeno, estando hoje inclinado a atribuir a sua origem às atividades do minhocão.

Há quatorze anos, mais ou menos, o sr. Antônio José Branco esteve, com toda a família, ausente durante 8 dias, de sua casa situada cêrca de 10 quilômetros de distância da cidade de Curitibanos, nas proximidades de um tributário do Rio dos Cachorros. Na Sua volta, êle encontrou o caminho minado; blocos de terra tinham sido jogados para os lados e a superfície e o subsolo escavado afundaram. A vala assim formada tinha o seu início na nascente de um regato, e o acompanhava por vêzes, afastando-se depois, cortndo as voltas do mesmo, indo terminar, após setecentos a mil metros, dentro de um banhado. A largura desta vala é dada como sendo de 3 metros. O regato segue, desde então, o novo curso que lhe teria dado o minhocão.

O trajeto dêsse animal passava, geralmente, por baixo da terra e do leito do córrego. Vários pinheiros foram derrubados e se quebraram ao desabar sôbre o solo íngreme. Um pinheiro grosso, do qual o minhocão teria arrancado toda a casca, teria permanecido em pé até o ano passado, encontrando-se ainda caído no local.

Os vizinhos e moradores de Curitibanos compareceram, na época do acontecimento, em massa ao local da devastação causada pelo minhocão. Supõe-se que o mesmo ainda se encontre dentro do pântano, cujas águas, segundo dizem, de tempos em tempos, se tornam turvas, sem razões admissíveis. Pretende-se ouvir, também, de vez em quando, no silêncio da noite, um ruído abafado, como de trovão distante, percebendo-se ainda um leve tremor de terra na casa próxima ao local.

Ouvi, sôbre êsse caso, dois testemunhos oculares: José, filho do velho Branco, ainda mora com o pai e o genro, Crescêncio Fernando Maia que, quatorze anos atrás, também morava com o sogro.

Preciso mencionar que o aparecimento do minhocão era sempre precedido de uma época de chuvas.

Nas proximidades do rio dos Papagaios, um tributário do Iguaçu, na província do Paraná, ouviu-se, certa noite, após o termino de prolongada temporada de chuvas, por volta do ano de 1849, na casa de um certo João de Deus, um barulho como se estivesse chovendo novamente no mata próximo, estando, entretanto, o céu completamente limpo e estrelado. No dia seguinte, verificou-se que, para além de uma pequena colina próxima, uma grande extensão de terra havia sido totalmente revolvida, encontrando-se sulcada por valas profundas. Essas valas seguiam para um local recoberto de grandes chapas rasas de pedra, conhecida por lageado, sôbre o qual continuava o trilho, assinalado por montões de barro branco-avermelhado, característico do solo remexido e recortado de valas. Êsse trilho prosseguia do leito de um riacho, margeado de paredões de rocha, nos quais continuavam os rastros de barro, terminando no rochedo do qual a água se precipita num caldeirão largo e profundo, que constitui a confluência com o Rio Papagaios, cujas águas permaneceram turvas por quatorze dias, até a desembocadura no próximo rio Iguaçu.

Três anos depois, visitou o sr. Libino José dos Santos, atualmente fazendeiro abastado em Guarda-Mór, perto de Curitibanos, aquela região. Ainda pôde constatar o campo remexido, os montões de barro que haviam sido trans-

portados para o lageado e sinais de barro nos paredões de pedra do leito do riacho. Chegou à conclusão que se trataria de dois animais, cuja largura calcula em 2 a 3 metros.

Na mesma região, aliás, segundo me contou o sr. Libino, em tempos idos fôra avistado um minhocão. Nas proximidades de uma casa havia um lago que servia de abastecimento de água aos moradores da mesma. Havia observado que, por vêzes, a água se tornava turva e inaproveitável, com a areia do fundo revolvida. Certa manhã, quando uma das negras da casa lá chegou para apanhar água, encontrou a lagoa vazia e, à certa distância, viu um animal "do tamanho de uma casa" se arastando sobre o solo. Correu pra casa para transmitir a fantástica notícia. Os demais moradores da casa, entretanto, que haviam acorrido, céleres ao local, apenas constataram o solo revolvido e o rastro do animal que, do alto de um rochedo havia se jogado às águas profundas de um rio.

Um jovem viu, na mesma região, cair, repentinamente um pinheiro enorme. O dia estava calmo, sem ventania e, da mesma forma, não ouvira barulho de golpes de machados, ou outras ferramentas. Dirigiu-se, pois, ao local, para verificar a razão da queda do pinheiro. Viu o solo em movimentos e surgindo dêle um enorme bicho negro, parecido com uma minhoca "mais grosso do que o pinheiro, mais forte, mas não mais comprido do que um laço (25m. mais ou menos) com dois chifres móveis à cabeça".

Na província de São Paulo — também esta notícia me foi transmitida pelo sr. Libinio — se encontra, não muito longe de Ipanema, no campo do Tinguá, uma localidade denominada "Charquinho", ou seja "pequeno pântano", porque realmente lá existe um. Há anos, porém, durante uma temporada chuvosa, um minhocão abriu uma vala através do pântano até ao rio próximo, transformando-a em córrego que desagua no rio Ipanema.

No ano de 1849, chegou o sr. Libinio durante uma viagem, às proximidades de Arapeí, no Uruguai. Ali lhe contaram que, perto do campo onde pousara, se encontrava um minhocão morto. Ficava encajado entre as duas cristas rochosas das margens de um córrego que, gradativamente, se iam estreitando. O couro do mesmo seria uma casca mais grossa que a de um pinheiro, formada de escamas duras, como as do tatu.

Como fato seguro dos relatos acima citados, e outros parecidos, só se pode deduzir que nas bacias do Uruguai e Paraná aparecem, por vêzes, extensas valas abertas para as quais não se encontrou outra explicação que não a de serem formadas por um animal grande. O fenômeno parece ocorrer, se bem que não sempre, após prolongadas temporadas de chuvas, tendo sempre seu ponto de partida em rios ou banhados e finalizando em outros. As escassas e insuficientes informações sobre o minhocão deixam incertezã sobre a sua forma e dimensões.

Poder-se-ia imaginá-lo como um grande peixe-batráquio, da família do "Lepidosire", ou "ceratodus". O "focinho de porco", aliás, sugere a cabeça do "Ceratodus"; os chifres assemelham-se aos membros dianteiros do Lepidosiro, se é que as respectivas informações mereçam alguma confiança.

Valia a pena estudar o caso do minhocão e, comprovada a sua existência, conseguir um exemplar para um jardim zoológico.

UMA VISITA DO IMPERADOR

Em 1826, o Brasil se encontrava em estado de guerra com a Argentina, em virtude das pretensões desta sobre a Banda Oriental.

D. Pedro I resolvera, então, fazer uma visita pessoal ao nosso exército em operações no sul do país. Partiu, então, do Rio de Janeiro, a bordo da nau "Pedro I", comboiada por outros barcos, rumo ao sul.

A 29 de novembro, fundeava o comboio na barra do Norte da baía do Destêrro, capital de Santa Catarina.

Menos para dar aos nossos leitores conhecimento de um documento a respeito desse acontecimento, que é bem conhecido, do que para dar uma amostra de como já se sabia bajular bem naqueles recuados tempos, transcrevemos o ofício que o então presidente de Santa Catarina, Francisco de Albuquerque Mello, dirigiu ao Ministro do Império, Marquez de Cravellas, a 4 de dezembro daquele ano:

"Cheio do maior júbilo, tenho a honra de participar a V. Excia. que no dia 29 do mês p. passado, recebi parte de haver fundeado na entrada da barra do norte a nau "D. Pedro I", uma fragata, uma corveta e transportes e que na manhã do dia 30, tendo eu notícia, por um pescador, que S.M. o Imperador se achava a bordo da nau, fiz imediatamente equipar o Escaler Grande e nele me dirigia para bordo, quando, fora do estreito, avistei o escaler da nau que, a despeito do vento contrário, se encaminhava para esta cidade.

Dentro de pouco espaço, conhecendo a augusta pessoa de S. Magestade, segui o seu escaler até embicar à praia do Estreito, da parte do norte, pois impossível seria entrá-lo com semelhante vento. Esta feliz notícia, comunicou-se logo por toda a cidade por maneira que no desembarque e por todo o trânsito até a igreja matriz, foi S. Magestade acompanhado pelo povo que em vivas patenteava os seus sentimentos e, na sua ingenuidade a sinceridade das suas impressões.

Tendo ouvido a missa do pároco, se recolheu ao seu palácio, dignando-se, então, admitir as homenagens da Câmara e cidadãos de todas as classes que, à porfia, ambicionavam a honra de beijar a mão augusta do adorado soberano. No mesmo dia, ordenou S. Magestade a prontificação de seus transportes, pagando tudo do seu particular bolsinho e na madrugada seguinte embarcou para o porto de Massiambu, donde seguiu por terra até a Vila da Laguna, a cujo porto chegaria no dia 2.

Sua Magestade Imperial parece gozar perfeita saúde e tem desenvolvido aquela atividade que lhe é natural.

A bondade com que recebe a todos e o acolhimento cheio de humanidade que todos encontram na sua augusta presença, teem penhorado os corações destes povos que não sabem louvar a Divina Providência que nos há concedido um soberano que faria feliz o mundo se o seu império pudesse estender-se tanto.

Continuarei a transmitir a V. Excia. as notícias que receba da marcha de S.M.I. depois da sobredita Vila até a Província de São Pedro e quanto fôr ocorrendo".

A 9 de dezembro, voltava o presidente a oficiar ao Ministro do Império: "Depois do ofício que tive a honra de dirigir a V. Excia. em data de 4 do corrente, só posso acrescentar, a respeito da marcha de S.M.I., que o mesmo augusto Senhor no dia 3 do corrente, pela manhã foi encontrado em Campo Bom, distante 28 léguas desta cidade, que S.M. gozava perfeita saúde na sua marcha com a mesma rapidez."

Ofício modelar

“Illmo. snr. Acuzo arecepção do oufficio de 22 de novembro, proximo passado, onde me deliberas lhe informasse o estado das pontes, estivas e caminhos deste distrito, o que tenho a informar a V.S. que se acha e que tem de necessidade huma ponte na praia braba que no tempo do Silveira foi avaliada em 200\$000 o seu feitio, pois he de muita necessidade e humas pontes nas terras de dona Felicia e se fazer uma mudança na praia, quando enche a maré, e uma ponte nos Machados, mais estas he de transitar para rio assima pela parte do norte para aqueles moradores o que julgo a ser essa despeza de quatro sentos mil réis. Sendo feita essa despeza tudo pelo menos emquanto o caminho do ria assima que estão fazendo pela parte do Sul não posso informar nada para eu ir vello e he o quanto tenho a informar a V.S. que mandará o que for servido. Deus Guarde a V.S. Itajahy, 30 de dezembro de 1849. José da Costa Passos. Ao Illmo. snr. José Antônio da Silva Simas, Presidente da Câmara de Pôrto Bello.



BLUMENAU EM CADERNOS

Mensário destinado ao estudo e divulgação da história de Santa Catarina, em particular do Vale do Itajaí.

Fundador e Diretor J. Ferreira da Silva



Assinatura anual (por Tomo) Cr\$ 300,00



Redação e administração

Caixa Postal, 425

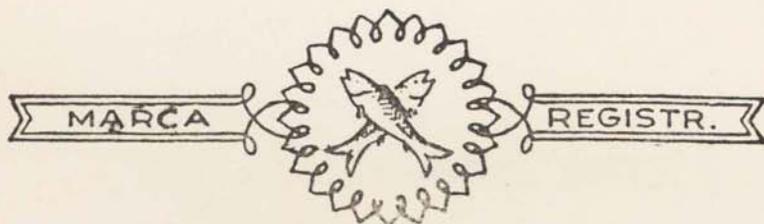
BLUMENAU - Sta. Catarina

ÍNDICE GERAL DO V.º TOMO

	Pag.
OUTRA DÚVIDA — J.Ferreira da Silva	1
CENTENÁRIOS DE 1962 — Redação	4
LA MAISON DE JOINVILLE — Carlos Ficker	5
MUSEU ARQUIDIOCESANO DOM JOAQUIM — Raulino Reitz	9
KOSERITZ DEUTSCH VOLKSKALENDER	12
“ESTANTE DOS CADERNOS”	15, 38, 48, 155
A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS — Oto Stange	16, 158
ADMINISTRADORES DE BLUMENAU	18
ACONTECEU	19, 39, 59, 80 e 99
MOVIMENTO COLONIZADOR NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA DURANTE ÊSTES ÚLTIMOS ANOS — C.da Costa Pereira	21, 41
VASCULHANDO VELHOS ARQUIVOS — Frederico Kilian	25
GERTRUDES SIERICH, nata Blumenau	27
RETRATOS DO PASSADO	28, 44, 76, 82, 151
AS PALMEIRAS REAIS DO PALÁCIO DOS PRINCIPES DE JOINVILLE — Carlos Ficker	29
REMINISCÊNCIAS. — Alice von Moers	32
UMA CARTA DO DR. BLUMENAU	34 e 90
OS TECELÕES DE LODZ NA HISTÓRIA DE BRUSQUE — Ayres Gevaerd	45
UM BENEMÉRITO DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL	47
“O LINCE” — Redação	48
UM PARECER SOBRE A COLÔNIA DE BLUMENAU DE 1862 — Herbert Koch	49
EFEMÉRIDES EM PINGOS	53
A DATA DA FUNDAÇÃO DE JOINVILLE — Adolfo B. Schneider	54
ELESBÃO PINTO DA LUZ	56
ANO DE 1962	61
AS VIAGENS DE SUAS ALTEZAS IMPERIAIS AO SUL DO BRASIL — SUA PASSAGEM POR SANTA CATARINA — Carlos da Costa Pereira	77
PRIMEIROS CASAMENTOS DE ALEMÃES EM FLORIANÓPOLIS,	
Almirante Lucas A.Boiteux	81
O “REBATE DE PEITO”	83
GARRINCHAS DE 50 ANOS ATRÁS	85, 156
A DATA DA FUNDAÇÃO DE JOINVILLE — Carlos Ficker	86
“CURTO HISTÓRICO DA FÁBRICA ECKARDT PARA O NOSSO ARQUIVO	90
ENTUSIASMO PELA NOVA PÁTRIA	93
O JARDIM DO BISPADO DE JOINVILLE — Pe. Raulino Reitz	94
BLUMENAU NA HISTÓRIA MILITAR BRASILEIRA	97 e 175
HANS STADEN E ULRICH SCHMIEDEL — Carlos da Costa Pereira	101
O MUNICÍPIO DE DONA EMA — J.Ferreira da Silva	149
UM NOTÁVEL COLONIZADOR	152
OFERTA QUE REPRESENTA AMIZADE — J.J.Puls	157
GRANDES ADMIRADORES DA FAMÍLIA IMPERIAL — Arnaldo S.Thiago	163
AOS NOSSOS LEITORES — Redação	164
OS FRANCESES NA BAÍA DE BABITONGA — Carlos Ficker	165
PONTE CURT HERING	168
TEMPOS DE ESCOLA — Alice von Moers	169
MANOEL MARQUES BRANDÃO — Cecilia Brandão	171
A COLÔNIA BLUMENAU EM 1863	173
OFÍCIO MODELAR	178
UM PNEU ESTOURA PARA A HISTÓRIA — F.G.Busch Junior	179

INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2
TELEGR.: "TRICOT"



Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA

FÁBRICA DE ARTEFATOS TÊXTEIS

ARTEX S. A.

FIAÇÃO E TECELAGEM

Rua Progresso, 150 — Fone 1.008.

Caixa Postal, 10.

Fábrica especializada em:

- TECIDOS FELPUDOS
- TOALHAS DE ROSTO
- PISOS PARA BANHEIROS
- TOALHAS DE BANHO
- ROUPÕES DE BANHO, etc.

B L U M E N A U

S a n t a C a t a r i n a